

A romantic couple is shown in a tropical setting at sunset. The woman, with long brown hair, wears a flowing purple gown and has her arm around the man's neck. The man, with dark hair, is shirtless and wears a white shirt draped over his shoulders. They are standing on a sandy beach with palm trees and a body of water in the background. The sky is a mix of orange, pink, and blue, with stars visible in the upper part. The foreground is filled with various tropical plants and flowers, including red and pink ones.

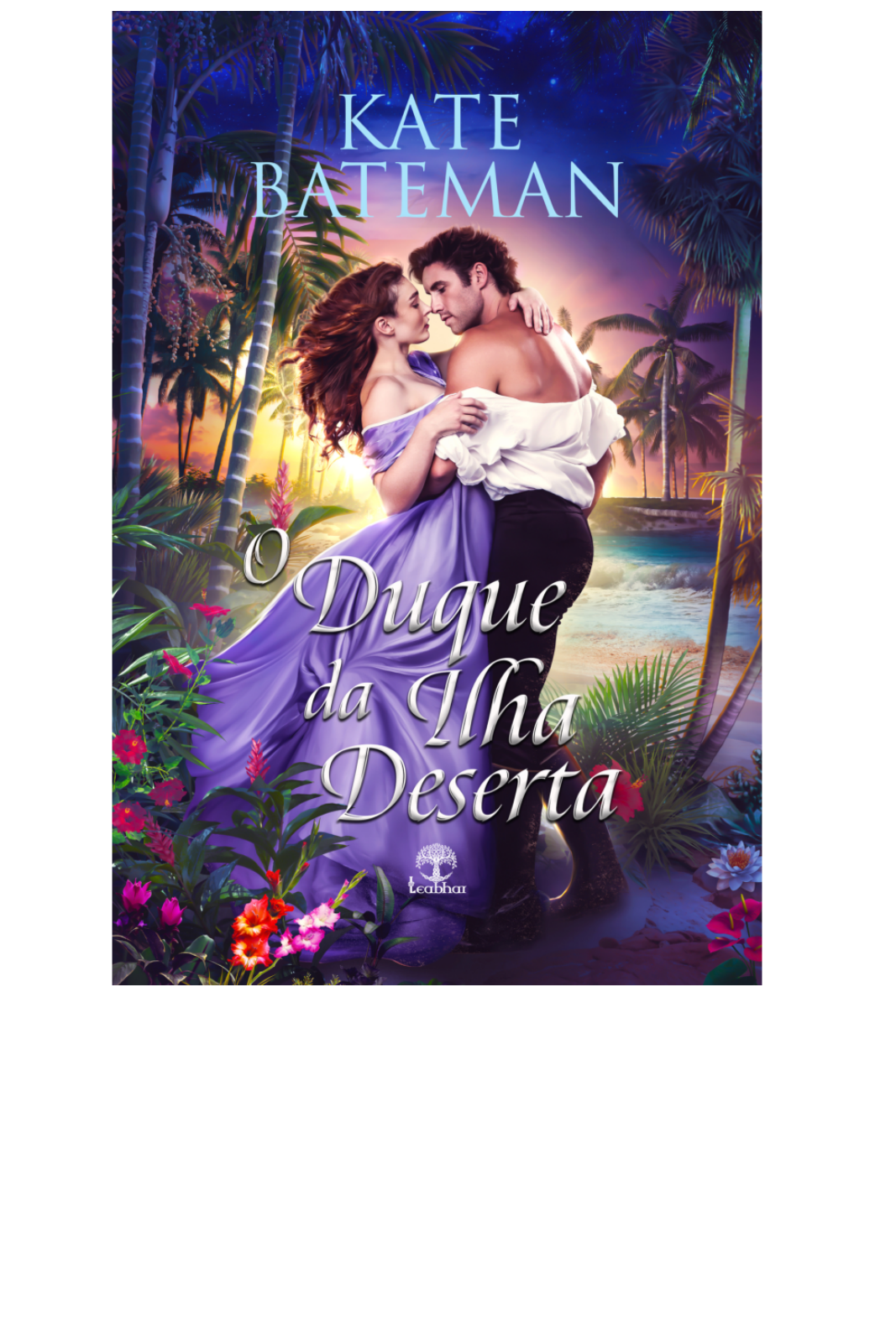
KATE
BATEMAN

O
*Duque
da Ilha
Deserta*



VISIT...

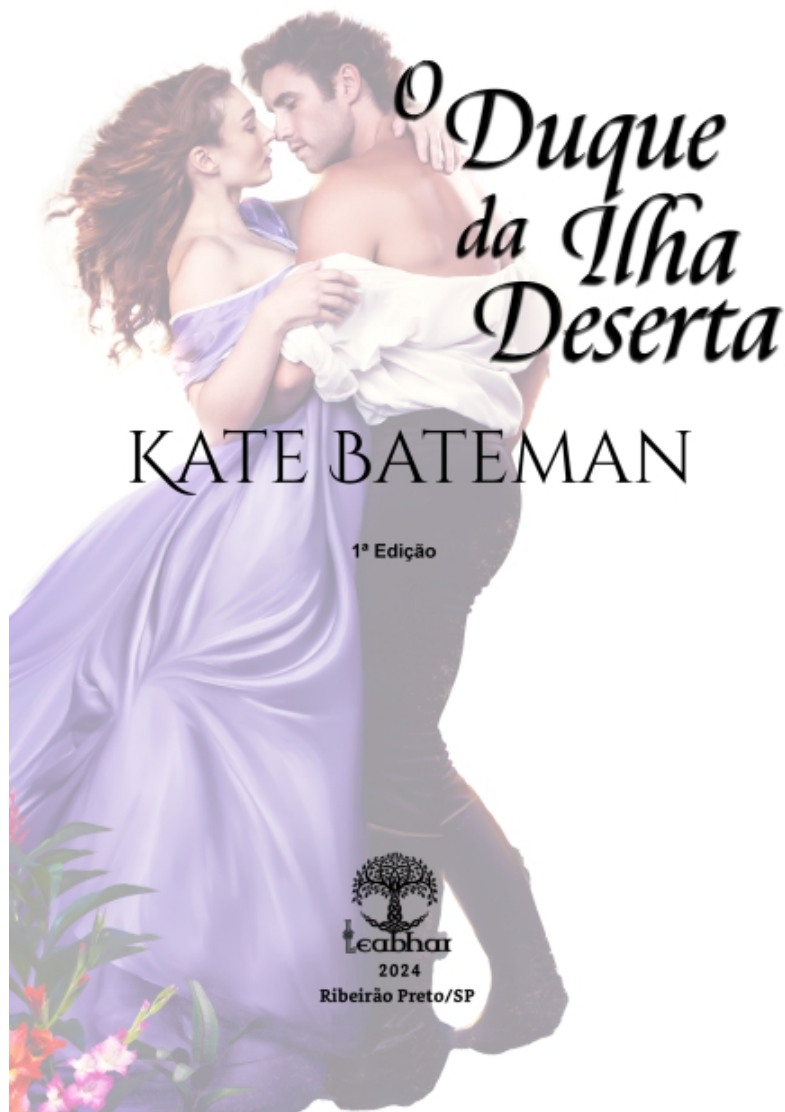
LANZAROTE
Caliente.COM



KATE
BATEMAN

O
*Duque
da Ilha
Deserta*





O Duque da Ilha Deserta

KATE BATEMAN

1ª Edição



2024

Ribeirão Preto/SP



Título Original: Desert Island Duke
Copyright © 2022 Kate Bateman
Copyright da tradução © 2024 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Hamireths Costa
Revisão: Isabel Vasconcellos e D. Marquezi
Diagramação e adaptação Capa: Labellaluna Web®
Arte capa: Holly Perrett / The Swonies

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) FICHA CATALOGráfICA

B329lbe

Bateman, Kate
Título: O Duque da Ilha Deserta (recurso eletrônico) © 2024 Leabhar
Books Editora Ltda. - Ribeirão Preto - SP-BR
Tradução de: Desert Island Book © 2019 Kate Bateman
Formato: e-Pub
Veiculação: Digital
ISBN 978-65-5444-272-5

1. Romance de Época. 2. Americano. 3. Costa, Hamireths. I. Título

80754

CDD 82-32
CDU 134-3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books Editora Ltda. Rua Sete de setembro. 1851 conj. 1 CEP: 14025-200 - RP/SP - Brasil
E-mail: leabharbooksbr@gmail.com | <https://www.leabharbooks.com/>

Capítulo 1



Lady Caroline Montgomery olhou para o corpo mais adiante na praia e soltou um som de desprezo. Cinco minutos atrás, pensou que naufragar sozinha em uma ilha tropical era a pior coisa que poderia ter acontecido.

Estava errada. Tão errada.

Naufragar *sozinha* teria sido mais agradável... em comparação. Ela era inteligente, engenhosa e acostumada a situações desafiadoras como essa. Teria ficado bem sozinha.

O destino, no entanto, não lhe concedera essa pequena misericórdia. Não contente em enviar um tufão para destruir o Ártemis e separá-la de sua amada família, o universo cruel a selou com *ele*.

Maximillian Cavendish.

Sua Graça, o décimo quarto Duque de Hayworth.

O homem mais irritante dos cinco continentes e a última criatura que Caro teria escolhido como companheiro sobrevivente... incluindo o porco de Ártemis, que ela carinhosamente chamava de Duque de Porco.

Hayworth estava deitado de lado, o rosto virado para o lado contrário dela, mas não havia como confundir seu cabelo escuro e desgrehado ou aqueles ombros improvavelmente largos. Para um canalha tão indolente, tinha um físico notavelmente vigoroso.

Caro caminhou em direção a ele ao longo da areia, com suas saias molhadas dificultando seus passos e tentando suprimir um pequeníssimo sentimento de pânico causado pela imobilidade da grande figura à sua frente.

— É melhor não estar morto. — Ela ofegou irritada.

Ele não se moveu quando a sombra dela cobriu o seu rosto, então o cutucou, não muito gentilmente, com a ponta da bota. — Hayworth? Está morto?

Não estava. Ela podia ver seu ombro subindo e descendo enquanto ele respirava, e um nó de algo que se recusou a rotular como alívio se soltou dentro dela. Disse a si mesma que era porque não queria estar presa a um cadáver.

Ainda assim, ele parecia estar inconsciente. Considerando o quão desagradável o homem era quando acordado, ela teria preferido deixá-lo assim, mas Caro supôs que tinha a obrigação moral de despertá-lo. Ela o cutucou novamente nas costelas.

Ele soltou um gemido baixo, mas seus olhos permaneceram fechados.

Caro ajoelhou-se ao lado dele, agarrou seu ombro e o sacudiu forte. Os músculos sob o material molhado de sua jaqueta eram incrivelmente sólidos.

Ela tentou não notar.

— Acorde, seu idiota insuportável! Está muito quente para cavar-lhe um

túmulo.

Ela deu outro empurrão, depois quase pulou de susto quando ele respirou fundo e começou a tossir incontrolavelmente.

Caro deu a ele algumas palmadas úteis entre as espáduas.

Ele agitou o braço e a empurrou para longe. — Ei! Pare com isso! Não estou morto, maldita seja!

A voz dele soou ríspida e rouca e ela amaldiçoou o pequeno frisson que o som sempre produzia em seu estômago. Recuou rapidamente como um caranguejo quando ele rolou de costas e puxou uma grande quantidade de ar para dentro dos pulmões que fez seu peito se expandir ainda mais.

Ele jogou o antebraço sobre a testa, protegendo os olhos do sol ofuscante, e virou-se para ela com uma carranca.

Seus olhos eram de um turquesa extraordinário, o mesmo azul do mar diante deles. Caro estreitou os próprios olhos irritada. Era uma cor estúpida para um homem. Verdade. Essa cor deveria tê-lo feito parecer bonito e insípido, como um boneco, mas em vez disso eles combinavam com sobrancelhas pretas como a noite, o corte reto do nariz e maçãs do rosto talhado de uma forma muito precisa. O efeito era irritantemente atraente.

Seu queixo estava coberto por uma barba escura, tão fina quanto a areia branca que estava grudada em sua bochecha, e Caro se pegou imaginando como seria a sensação de tocar o rosto dele.

Por Deus, deveria estar sofrendo com uma insolação.

Hayworth, felizmente, não sabia de seus pensamentos ridículos. Ele se forçou para uma posição sentada com um gemido e descansou a cabeça nos joelhos dobrados.

Caro fez uma careta. Ela, sem dúvida, parecia um rato afogado. De alguma forma, *ele* conseguiu parecer perfeitamente delicioso, mesmo todo amarrotado e descuidado, como um pirata. Como um miserável indigno recebeu a dádiva de uma beleza tão extraordinária? Isso não era justo.

Maximillian Cavendish não tinha apenas nascido em berço de ouro, também recebera todo o serviço de jantar de prata. Desde a morte de seu pai, quando Max tinha apenas nove anos, era o herdeiro aparente de seu tio sem filhos, o décimo terceiro duque.

Caro o conhecera anos atrás, pois era um dos amigos mais próximos de seu irmão William, e podia afirmar com firmeza que Hayworth havia demonstrado uma confiança que beirava a arrogância, mesmo *antes* da morte de seu tio o ter promovido a duque no ano passado.

Ele era uma daquelas pessoas para quem tudo parecia vir facilmente. Além da boa aparência pecaminosa, possuía uma inteligência notável, uma sagacidade rápida e um charme considerável... não que ele tivesse usado esses dois últimos atributos com ela. Era irritantemente bom em tudo o que fazia, fosse esgrima, cavalgar ou jogar em seu clube.

E, ao que parecia, sobrevivendo a um naufrágio no mar.

Ele virou a cabeça e chamou a atenção dela, e o coração de Caro deu um

pequeno baque desconfortável. Sempre desejou e odiou a atenção dele.

— Está certa. Definitivamente não estou morto — disse ele. — Se eu estivesse morto, a senhorita estaria nua.

Capítulo 2



A boca de Caro se abriu em choque. — Perdão?

— Se eu estivesse morto —, repetiu Hayworth, com a voz deliciosamente rouca da água salgada que ingeriu, — e no céu, então a bela mulher que me recebeu definitivamente estaria nua.

Caro piscou. Bela? Maximillian Cavendish a chamara de *bela*?

Ela olhou ao redor, para o céu, a areia branca, as palmeiras balançando na costa. Que universo alternativo bizarro era esse? Estava *sonhando*? Era a única explicação lógica. Caro se beliscou na coxa, para ter certeza.

Não aconteceu nada.

Hayworth não pareceu notar sua confusão.

— Mas então, novamente — ele levantou a mão para retirar a areia de seu cabelo despenteado, — posso estar morto e no inferno. Isso é muito possível. Nesse caso, ser recebido por uma sereia totalmente vestida e que deveria estar nua, mas que nunca tira a roupa, bem, essa seria a própria definição de punição, não seria?

Caro presumiu que era uma pergunta retórica.

— Está delirando — disse ela com firmeza. — O bote salva-vidas acertou a sua cabeça quando virou?

Ele esfregou o couro cabeludo novamente, como se procurasse caroços. — Acho que não.

— Olhe para mim.

Ele a olhou novamente, e ela mirou profundamente seus olhos, procurando qualquer sinal de reconhecimento. Ou, de fato, sanidade.

Ele a encarou solenemente. E então sua boca se curvou em um sorriso lento, perverso e abertamente avaliador que fez seu estômago girar perigosamente. O olhar dele caiu sobre os lábios de Caro, como se estivesse pensando em beijá-la.

O que diabos estava acontecendo?

— Pare de ser ridículo — ela repreendeu. — Não sou um anjo ou um demônio. O senhor sabe quem eu sou. Eu sou Caroline. Caro Montgomery. A irmã de William.

— Caro. — Ele repetiu o nome com uma espécie de admiração, girando-o pela boca como se o dissesse pela primeira vez. — Olá, Caro. Estou feliz que não esteja morta.

— Eu também. — Ela murmurou incerta.

Talvez fosse isso. Talvez fosse *ela* quem estivesse morta, e em algum submundo terrível onde seu único companheiro era o último homem que garantiria enlouquecê-la por toda a eternidade. Fazia um sentido horrível. Ele a amaldiçoou quando estava viva. Era lógico que a assombrasse quando

estivesse morta, com seu sorriso irresistível e seu corpo perfeito e inatingível.

Ele estendeu a mão e alisou um fio de cabelo incrustado de sal da testa dela. A palma da mão acariciou sua bochecha, e Caro congelou de surpresa com o olhar apreciativo em seu rosto.

O que havia de *errado* com ele? Nunca tinha olhado para ela dessa maneira antes. Geralmente a olhava com uma expressão zombeteira que sugeria que ela era o alvo divertido e inconsciente de suas piadas. *Realmente* não a estava reconhecendo?

— Então, estabelecemos que a senhorita é Caro — ele murmurou. — Então eu sou...? — A frase lhe escapou de forma questionadora.

— Cavendish — disse Caro irritada. O idiota estava claramente brincando com ela, fingindo que havia esquecido seu próprio nome.

— Huh — disse ele, aparentemente surpreso. — As pessoas me chamam de Cav?

Ela estava ficando mais exasperada a cada segundo. — Não, elas não chamam. Cavendish não é seu primeiro nome. É o nome da sua família, seu idiota. Seu nome de batismo é Max.

— Diminutivo de Maximillian, suponho?

Ela afastou a mão dele. — Sim. Pare de fingir que não se lembra.

Ele soltou uma risada curta. — A senhorita acha que estou *fingindo* amnésia?

— Claro que está. É exatamente o tipo de coisa que faria. Provocar-me é um dos seus passatempos favoritos.

Seus lábios se contraíram novamente. — Ah é? Provocá-la?

— Sim. — Ela gritou. — O senhor gosta de zombar e rir de mim desde o primeiro momento em que nos conhecemos. — Isso era absolutamente verdade.

— E quando foi isso? — ele perguntou.

— Anos atrás. O senhor costumava visitar Will durante as férias da escola. E desde então, toda vez que estávamos em Londres, sempre que minha família estava entre expedições.

— Expedições?

— Meu pai é um dos especialistas em borboletas mais conhecidos da Inglaterra. Nós viajamos por todo o mundo procurando por elas.

— Hmm. — A resposta dele foi sem compromisso, e ela o estudou novamente, mais de perto.

— Realmente não se lembra?

— Lembro-me do seu rosto — disse ele vagamente, — mas quanto ao resto... — ele deu de ombros, erguendo-os.

Caro ainda estava desconfiada. Como poderia se lembrar dela, mas não de seu próprio nome? Era extremamente improvável. Então, novamente, as chances de ambos sobreviverem a um naufrágio e serem levados, vivos, neste mesmo trecho de areia também eram infinitamente pequenas. Talvez ele *estivesse* dizendo a verdade.

— Lembra-se de ser um soldado? O senhor serviu com Will em Waterloo.

Sua testa franziu novamente. — Sim, eu me lembro disso. Meu cavalo foi baleado debaixo de mim.

Caro mordeu o lábio. Ela ouviu a mesma coisa através do relato de seu irmão sobre a batalha. Foi mais um exemplo da vida invejavelmente afortunada de Hayworth que ele emergira daquele infame derramamento de sangue com apenas um arranhão.

— Se lembra de mais alguma coisa? — Certamente o homem se lembraria de que era um duque, pelo amor de Deus.

Ele fez uma pausa, como se estivesse quebrando a cabeça. — Sei que gosto de menta.

Caro quase jogou as mãos para o ar. Isso simplesmente não poderia ser verdade.

E então o pensamento mais perverso surgiu em sua cabeça. Talvez ele realmente *não* se lembrasse. Talvez o destino estivesse lhe dando essa pequena oportunidade de ferir o orgulho do diabo um pouco. Para nivelar o campo de jogo entre eles.

Nesta ilha, ele não seria o amigo presunçoso e superior de seu irmão, o poderoso Duque de Hayworth. E ela não seria a irmãzinha do melhor amigo dele. Poderiam começar de novo, como iguais. Como simplesmente Caro e Max. Um homem e uma mulher. Duas pessoas presas em uma ilha, trabalhando juntas.

Era um pensamento extremamente atraente.

Ele ainda estava olhando para ela daquela maneira estranha e um pouco obcecada, e Caro transformou seu rosto em uma expressão sem graça.

— É bom que se lembre do seu tempo no exército. — Ela deu um tapinha consolador no braço dele. — O senhor se lembra do que fez depois disso?

Ela esperou que ele balançasse a cabeça, depois lhe deu um sorriso largo. O tipo de sorriso brilhante e reconfortante que ela usava para animar as crianças quando ralavam os joelhos ou eram picadas por uma formiga. — Depois que deixou o exército, descobriu que seu tio... o senhor é herdeiro dele, a propósito... não lhe deixou nada além de uma enorme pilha de dívidas.

Caro teve que morder o lábio para não rir dessa mentira monstruosa. Seu tio na verdade lhe deixara uma enorme pilha... de *dinheiro*... e uma adorável propriedade rural chamada Gatcombe Park, que ostentava nada menos que vinte e três quartos e um salão de baile grande o suficiente para jogar críquete.

Oh, ela queimaria no inferno por isso, mas valeria a pena. Mesmo que fosse recebida nos portões de fogo por um Maximillian Cavendish totalmente vestido que a provocaria por toda a eternidade com a possibilidade de vê-lo nu, valeria a pena.

— Meu tio? — Hayworth repetiu lentamente. — Uma montanha de dívidas. Tem certeza?

— Ah, sim, tenho certeza. William sentiu tanta pena do senhor, tendo passado por momentos tão difíceis, que lhe ofereceu um emprego.

Agora Hayworth estava deliciosamente confuso, e Caro não resistiu em lhe dar a *peça de resistência*. Ela escolheu a posição mais baixa em que pôde pensar.

— O senhor é um cavaliço em nossa casa em Lincolnshire. William diz que o senhor é maravilhoso com os cavalos.

O olhar incrédulo no rosto de Hayworth... como se a própria ideia de ser um cavaliço o ofendesse profundamente... fez o coração de Caro disparar com a certeza de que ele reconheceria a mentira e a desmentiria.

Em vez disso, ele apertou os olhos para o sol.

— Se eu sou o cavaliço, o que estou fazendo aqui?

— É que está trabalhando de valete para Will. — Caro contemporizou rapidamente. — Seu homem de sempre, Timms, ficou doente uma semana antes de partirmos para Madagascar, então o senhor veio no lugar dele.

Ela esperou que ele explodisse em indignação com seu perjúrio. Na verdade, ele só tinha sido passageiro do Ártemis porque estava voltando de uma visita ao seu primo na Índia.

Os lábios de Hayworth fizeram uma pequena contração estranha, como se estivesse prestes a rir, mas então sua expressão ficou sóbria e ele assentiu. — Ah. Um cuidador de cavalos e, às vezes, valete. Isso faz sentido. Gosto de cavalos. E eu definitivamente me lembro de como amarrar uma gravata de forma decente.

Sua mão se desviou para a garganta, onde sua própria gravata ainda pendia incongruentemente em seu pescoço. O fato de ter sobrevivido ao caos das ondas violentas quando ambos foram jogados do bote salva-vidas e empurrados para esta costa arenosa foi outro milagre.

Ele desatou o nó encharcado e puxou a fina tira de linho dos ombros, revelando uma porção intrigante de peito bronzeado no V bem aberto de sua camisa.

Caro desviou os olhos, mas só depois de dar-lhe um olhar indecentemente longo. Quando ela o olhou, sentindo-se culpada, ele virou a cabeça e estava olhando para a extensão azul da água na frente deles.

— Então. Eu sou Max e a senhorita é Caro — ele disse relaxado, e ela ficou impressionada com a suspeita renovada de que a estava provocando.

Ele apertou os olhos para a forma verde de outra ilha, visível no horizonte próximo.

— Como chegamos aqui?

Capítulo 3



Caro não conseguia acreditar que Hayworth estava aceitando sua história com tanta facilidade, mas também se virou para encarar a água.

Ondas calmas tocavam gentilmente a areia branca, e a superfície da água dentro do recinto do recife era lisa como vidro. Ondas enormes ainda batiam contra o anel externo de coral, consumindo a sua força através de um rugido baixo constante, mas era difícil conciliar essa mesma cena com o caldeirão furioso e agitado de vento e ondas que os lançara em terra na noite anterior. Além de algumas pilhas emaranhadas de madeira e outros destroços mais acima na praia, dificilmente havia vestígio da tempestade.

— O Ártemis perdeu a vela superior, depois o leme —, disse Caro uniformemente. — Ela foi soprada em direção às rochas ali. — Ela apontou para o oeste. Outra ilha podia ser vista à distância, e o navio estava logo além da costa, inclinando-se muito para um lado. Tinha claramente sofrido sérios danos.

— Quando o capitão Thomas deu a ordem para abandonar o navio, houve muita confusão no convés. O senhor e eu de alguma forma acabamos no mesmo bote salva-vidas. O senhor tentou nos levar para terra, para aquela outra ilha, mas as ondas continuaram nos empurrando para cá. Quando nos aproximamos do recife, uma enorme onda nos derrubou, lembro-me de rolar repetidamente na água, certa de que estava prestes a me afogar, mas acordei esta manhã aqui, na areia.

Caro balançou a cabeça com assombro. Tudo parecia um sonho terrível.

Hayworth franziu a testa. — Então, onde estão os outros passageiros? Por Deus, não se afogaram todos? E quanto à sua família?

Caro sorriu com o bombardeio de perguntas. Ele poderia ter perdido a memória, mas seus modos imperiosos e exigentes ainda estavam intactos.

— Minha família estava em outro bote salva-vidas. — Ela gesticulou em direção à faixa de praia visível do outro lado da passagem. — Eles chegaram à costa, junto com o resto dos passageiros. Olhe, o senhor pode vê-los movendo-se na areia. Eu os contei, e todos parecem estar lá.

Hayworth deu um grunhido. — Todos, exceto nós.

— Pelo menos estamos vivos.

— O que aconteceu com nosso bote salva-vidas?

— Suponho que deve ter se quebrado no recife. Andei um pouco na praia, mas não vi nada.

Hayworth grunhiu novamente, depois estreitou os olhos para a outra ilha. Parecia tentadoramente perto, mas Caro sabia que a distância era enganosa.

— É muito longe para nadar — disse ele, como se lesse seus pensamentos.

— Mesmo se nos segurássemos em madeira ou fizéssemos uma jangada. São

pelo menos três quilômetros, talvez quatro, e já sabemos que existem correntes terrivelmente fortes lá.

— E tubarões. — Caro acrescentou prestativamente. — E provavelmente água-viva.

— Exatamente. — Ele limpou as mãos nas coxas e se levantou, cheio de propósito renovado. — Parece então que estamos presos aqui até sermos resgatados.

— Não deve demorar muito — disse Caro, mais para confortar a si mesma do que a ele. — Eles devem ter alguns botes salva-vidas inteiros lá. Vão remar e nos salvar.

— Talvez. — Hayworth parecia cético. — Mas seria extremamente arriscado. Um pequeno barco a remo poderia facilmente ser arrastado para o mar e se perder. É mais provável que vejam que estamos vivos e decidam não arriscar. Se podemos vê-los, devem ser capazes de nos ver também. — Ele acenou alegremente em direção à praia oposta.

Caro protegeu os olhos e conseguiu distinguir um aceno em resposta de uma das pequenas figuras na costa.

— Se aquele é meu pai, posso garantir que ele tem uma luneta apontada para nós agora.

Hayworth estendeu a mão para levantá-la da areia. — Nesse caso, estarei no meu melhor comportamento.

O estômago de Caro revirou quando os dedos grandes dele envolveram os seus, e ela lutou ferozmente para se levantar. Ele removeu uma pequena avalanche de areia das coxas e se virou para examinar a floresta exuberante que cercava a crescente faixa de praia.

Uma série de encostas cobertas de árvores subia abruptamente em direção ao centro da ilha, e Caro enviou uma oração de agradecimento por não estarem em uma mancha de terra varrida pelo vento e sem árvores, não maior do que um pedaço de lenço.

— Olhe para este lugar, é o paraíso. — Ele gesticulou para a folhagem. — Vejo cocos e podemos pescar no mar. Tudo o que precisamos é de uma fonte de água fresca e um abrigo, e poderemos sobreviver aqui por semanas.

— Semanas? — Caro disse boquiaberta. — Não precisaremos sobreviver por semanas. As pessoas virão nos procurar assim que perceberem que o Ártemis está atrasado na Cidade do Cabo.

Hayworth ergueu as sobrancelhas. — Aposto que fomos desviados do curso. A senhorita disse que estávamos a caminho de Madagascar?

Caro, assentiu. — Ouvi o capitão Thomas dizer que estávamos sendo empurrados para o norte, em direção às ilhas Seychelles.

— Bem, há centenas de ilhas espalhadas nessas águas. A menos que algum pescador local nos encontre, realmente pode levar semanas para sermos encontrados. Devemos esperar o melhor, mas nos preparar para o pior.

— Por Deus — murmurou Caro, horrorizada. Isso não era o Paraíso, era o Purgatório.

Hayworth, no entanto, parecia notavelmente otimista com a perspectiva de ficar encalhado. Talvez realmente *tivesse* levado um golpe na cabeça. Ele atravessou a praia de propósito, suas longas pernas comendo a distância. — Vamos, precisamos sair do sol.

Como não havia mais nada a fazer, Caro o seguiu, tentando não notar a maneira como suas calças castanhas se agarravam às suas longas pernas.

Assim que chegaram à sombra dos coqueiros, ele se virou para ela. — Certo. Primeiro o mais importante. Precisamos de água, fogo e abrigo.

— Concordo. Esta não é a primeira vez que tive que acampar. Passei vários meses nas florestas tropicais do Brasil, antes de navegarmos para Madagascar.

Claro, no Brasil tivera o apoio de sua família e um pequeno exército de ajudantes locais, mas não havia como admitir isso a Hayworth. Ela podia não ter muita experiência prática, mas estava confiante em sua própria desenvoltura.

— Que sorte, ficar presa com alguém tão perfeita — disse ele suavemente, e Caro estreitou os olhos, sem saber se estava sendo sarcástico ou não.

— Entre o meu tempo no exército — continuou ele, — e sua experiência de viver em todos os tipos de lugares interessantes, devemos formar uma excelente equipe.

Caro deu uma fungada não convencida.

Ele estendeu a gravata sobre um arbusto próximo, depois deu um tapinha na jaqueta encharcada. Com um ar triunfante, enfiou a mão no bolso e retirou um objeto de lata, com cerca de cinco centímetros de comprimento.

— Ha, olhe isso! Uma faca dobrável. O Max do passado era claramente um homem de visão.

— Não se lembra de colocá-la no bolso?

— Não. Mas me lembro de ganhar de um fuzileiro em um jogo de cartas em Portugal. Foi logo depois de Salamanca.

— Se lembra do seu tempo como soldado, quatro anos atrás, mas não do que aconteceu na semana passada? — Caro não conseguiu manter o ceticismo fora de sua voz.

Hayworth sorriu. — Tenho certeza de que tudo vai voltar para mim eventualmente.

Caro rezou para que o dia chegasse muito *depois* de os dois terem deixado esta ilha. Já estava se arrependendo de sua invenção impulsiva. Assim que Hayworth se lembrasse de que era um duque, e não um cavaliário, iria ter confusão. Ele provavelmente a estrangularia de fúria... se esta maldita ilha não acabasse com ela primeiro.

Ele manobrou a pequena lâmina prateada da alça com um movimento ensaiado de sua unha do polegar e a ergueu para sua inspeção.

— Agora, eu sei o que está pensando — disse ele, com um sorriso malicioso. — Mas tamanho não é tudo. É o que faz com isso que conta.

As bochechas de Caro aqueceram com sua inferência obscena. Não era tão inocente a ponto de entender mal o que ele quis dizer. Os homens adoravam

envergonhar as mulheres aludindo ao tamanho de seus equipamentos masculinos. Considerando a confiança monumental de Hayworth, ela tinha poucas dúvidas de que sua própria ‘lâmina’ era mais do que adequada. Ela fez um esforço deliberado para não olhar para a frente das calças dele.

— Não vai servir de nada para cortar madeira — disse ela rapidamente, — mas é melhor do que nada, suponho.

— Exatamente. Esta faca pequena pode ser a diferença entre a vida e a morte aqui.

Ele a depositou sobre um pedaço de madeira retirada da água, depois tirou a jaqueta e a espalhou no arbusto ao lado de sua gravata. Sua camisa ainda úmida se agarrou a ele como uma amante desprezada, e quando a puxou para fora da faixa da cintura de suas calças, causou uma surpresa em Caro.

— Espere! O que está fazendo? — Sua voz subiu uma oitava em choque.

Ele fez uma pausa com a bainha da camisa no meio do tronco.

— Tirando a minha camisa, é claro. Nós precisamos nos secar. — Ele gesticulou para a roupa molhada dela. — Vamos. Tire-as. Não é hora de agir com modéstia.

Antes que Caro pudesse discutir, ele retirou a camisa sobre a cabeça e revelou um peito musculoso que a fez perder o fôlego.

Por Deus, o homem era indecentemente bem construído. Ela sempre suspeitara disso, graças ao corte de seus casacos e de suas calças bem ajustadas, mas tê-lo confirmado tão enfaticamente a deixou um pouco tonta.

Ele se virou, completamente à vontade por estar seminu na frente dela, e começou a colocar a camisa sobre os arbustos. Caro não pôde deixar de observar a incrível construção de músculos sob sua pele levemente bronzeada. Max claramente passara um tempo sem camisa na Índia. Ele era todo dourado. Muito mais como um cavaleiro do que um duque, na verdade.

Quando os dedos dele caíram para os botões de suas calças, no entanto, ela colocou as mãos nos quadris, indignada. — O senhor absolutamente *não pode* remover suas calças!

Capítulo 4



Hayworth deu-lhe um olhar divertido, e Caro teve a nítida impressão de que ele não tinha intenção alguma de tirar as calças... que só tinha feito isso para irritá-la.

— Ah, muito bem. Suponho que devemos tentar preservar sua modéstia. Embora considerando onde estamos, é bastante inútil. As regras da sociedade educada não precisam ser cumpridas em um lugar como este.

Caro franziu a testa. Ele tinha razão. E ela definitivamente ainda estava molhada.

Seu vestido... uma musselina pura e ramificada que era o peso perfeito para combater o calor opressivo dos trópicos... ficava praticamente transparente quando molhado, como agora. Felizmente, também estava usando sua anágua longa de algodão favorita, um espartilho curto e uma chemise de algodão na altura do joelho como a camada final contra sua pele.

Quando a ordem para abandonar o navio chegou na noite passada, ela colocou as botas de couro sobre as meias e jogou um xale de lã fino em volta dos ombros antes que o pai a empurrasse para o corredor e subisse para o convés.

Seu xale havia se perdido nas ondas agitadas e, em retrospecto, foi um milagre que suas saias não a impediram de nadar. O tecido sem peso flutuou na água, como uma água-viva, permitindo que batesse as pernas. Se estivesse usando uma saia de lã grossa e várias anáguas, provavelmente teria sido arrastada para uma cova na água.

Ainda assim, talvez aprender o conteúdo do armário de Davy Jones fosse preferível a tirar a roupa na frente de Maximillian Cavendish agora.

— Não vou tirar nada — disse Caro teimosamente. — Exceto pelas minhas botas. — Ela se inclinou para soltar os cadarços.

Hayworth apenas deu de ombros e, depois de chutar um tronco de madeira e verificar se havia insetos, sentou-se para tirar as próprias botas. Ele segurou firmemente o calcanhar de uma e a puxou, e quando ela saiu, um fluxo de água e areia se espalhou no chão.

Ele suspirou, como se estivesse sofrendo. — Elas nunca mais serão as mesmas.

Caro estava prestes a responder com um comentário sarcástico sobre como ele poderia pagar mais dez pares, então se lembrou de que deveria ser um cavaleiro sem dinheiro e fechou a boca.

Como suas meias estavam molhadas, ela as tirou também e contorceu os dedos dos pés na areia agradavelmente quente.

Hayworth fez o mesmo, e ela lançou um olhar sorrateiro para seus pés descalços, esperando que provassem ser uma parte feia do seu corpo, mas

eram longos e elegantes, assim como o resto dele.

— A senhorita realmente deveria tirar mais — disse ele.

Seu tom fez parecer uma sugestão perfeitamente razoável, em vez de perfeitamente indecente.

— A senhorita não deve estar nada confortável, e não adianta sofrer apenas por uma questão de decoro. Odeio dizer isso, Srta. Montgomery, mas qualquer reputação que possa ter tido antes deste desastre há muito tempo evaporou.

Parecia irritantemente satisfeito com a perspectiva de que ela pudesse estar arruinada.

— Minha reputação, ou a falta dela, é o menor dos meus problemas agora, Sr. Cavendish.

Caro sentiu um prazer alegre em omitir seu título honorífico. — Tenho certeza de que há dezenas de jovens em Londres que escolheriam a morte em vez da desonra, mas não sou uma delas. Estou feliz por estar viva. Se a *ton* me considerar arruinada porque fui abandonada em uma ilha com um cavalheiro solteiro... sem ser absolutamente nenhuma culpa minha... então há muito pouco que eu possa fazer sobre isso. Felizmente, me importo muito menos em encontrar um marido do que em encontrar algo para comer e beber.

Ele sorriu. — Uma mulher independente. Eu gosto disso. Mas ainda assim, não podemos permitir que a senhorita pegue um resfriado por não remover suas roupas molhadas. Se há uma coisa que o exército me ensinou, era sempre me manter quente e seco.

Caro soltou um gemido exasperado. Na verdade, ela *estava* desconfortável. Os fios de aço em seu corpete estavam pressionando suas costelas, e cada centímetro do seu corpo estava coberto por areia e arranhando.

— Ora, está bem.

Virando as costas para ele, ela tirou o vestido e saiu da anágua. Depois de um momento de indecisão, o conforto venceu a modéstia, e ela desamarrou a parte dianteira do seu corpete, também. Ela deslizou o tecido pelos ombros com um suspiro de alívio e o colocou sobre um pedaço de madeira ao sol.

Arriscando um olhar por cima do ombro, ela encontrou Hayworth sem camisa, usando apenas as calças, parecendo um Robinson Crusoe beijado pelo sol. Ela, agora com nada além de sua chemise de algodão na altura do joelho, provavelmente parecia uma fugitiva de um asilo. Ou um fantasma muito desarrumado.

A única maneira de superar essa situação era obviamente ignorar seu constrangimento e se concentrar na tarefa em questão, a saber: sobreviver.

— Ainda é cedo. Devemos caminhar até a praia e tentar encontrar água fresca. Não adianta montar um acampamento a quilômetros de distância de algo potável.

Hayworth assentiu. — Concordo. Se não conseguirmos encontrar um riacho, teremos que abrir alguns cocos. Ou encontrar uma poça de água da chuva. Podemos deixar nossas roupas aqui para secar.

Os dois partiram, mantendo-se à sombra das árvores que franjavam a praia

o máximo possível. A baía arenosa terminava em um promontório rochoso, que eles alcançaram sem encontrar nenhum riacho ou mesmo gotas de água correndo para a praia.

— Temos que ver o que há ao redor dessas rochas. Espero que seja outra baía.

Caro olhou para os pés descalços. — Eles parecem afiados demais para a gente pisar. Devemos andar em volta, se não for muito fundo.

Hayworth se aventurou na água rasa, mantendo-se nos espaços arenosos entre as rochas, e Caro o seguiu. A água estava surpreendentemente clara, e cardumes de peixes coloridos corriam ao redor de suas pernas.

— Cuidado com os ouriços-do-mar — alertou ela.

— Gostaria que tivéssemos uma vara de pescar. Ou mesmo apenas um gancho e uma linha. Eu poderia pegar um jantar para nós.

— Podemos fazer uma lança com uma vara — sugeriu ela. — Isso pode funcionar. Ou podemos tentar pegar alguns desses caranguejos.

Dezenas de criaturinhas com armaduras duras lotavam as rochas, e corriam para buracos escondidos sempre que se aproximavam.

Com uma escalada final sobre algumas rochas parcialmente submersas, eles contornaram o promontório e descobriram outra faixa de areia perfeita, essa um pouco menor do que a anterior. O coração de Caro deu uma sacudida quando notou uma seção interrompida de areia a cerca de cem metros de distância.

— Olhe! Aquilo é um riacho?

Hayworth partiu para uma corrida rápida, e Caro o deixou ir, enojada com seu atletismo. Estava muito quente para correr.

— Pode ser apenas água do mar! — ela gritou atrás dele.

Antes mesmo que ela estivesse na metade do caminho, ele caiu de joelhos e levou um punhado de água à boca. Seu grito de triunfo a fez acelerar o ritmo e, ao se aproximar, viu um fio constante de água clara fluindo da floresta até a beira da água.

— É potável?

Ele jogou água no rosto com uma risada prazerosa. — Sim. É deliciosa! Beba um pouco.

Ela se agachou ao lado dele e levou um punhado aos lábios, tão desesperada pelo líquido que nem se importava com as folhas e varetas flutuando nela. Fechou os olhos em um gemido de prazer. — Oh, meu Deus, isso é muito bom.

Ela tomou outro gole grande, depois jogou um pouco no rosto, feliz por remover o sal pegajoso e a areia de sua pele. Quando olhou para Hayworth, corou ao encontrar o olhar dele fixo em seus lábios molhados.

Ele tossiu, como se houvesse algo em sua garganta, e desviou o olhar rapidamente, depois se ocupou em lavar a nuca.

Quando ele finalmente se levantou, foi para inspecionar a folhagem ao redor deles. Ele indicava uma pequena clareira afastada da praia, protegida

pelas árvores, além da linha de detritos deixada pela maré alta.

— Devemos acampar aqui. É besteira tentar levar água de volta para a outra praia.

— Mas estaremos fora da vista da outra ilha. Minha família vai pensar que algo terrível aconteceu conosco se desaparecermos.

— Vamos voltar e acenar duas vezes por dia, para que possam nos ver.

Caro suspirou, aceitando a derrota. — Justo. Se puder voltar para pegar nossas roupas, vou juntar alguns gravetos e galhos para fazer um abrigo.

Ele assentiu e Caro o observou recuar. Percebendo que estava olhando para as curvas tentadoras de suas nádegas delineadas por suas calças apertadas e úmidas, ela se forçou a desviar o olhar e começar a trabalhar.

Capítulo 5



Assim que estava suficientemente longe, Max permitiu que a risada que segurara durante a última hora explodisse. Ele balançou a cabeça com os contos desavergonhados que Caro Montgomery havia inventado.

Um cavaliário destituído, de fato!

Ah, ela era um pouco atrevida.

Quando ele abriu os olhos pela primeira vez esta manhã e viu suas feições angelicais cercadas por uma auréola ofuscante de luz solar, experimentou um breve e compreensível momento de confusão. Como só acordara ao lado de Caro Montgomery em seus sonhos mais loucos e perversos, presumira que ainda estivesse dormindo.

Essa ilusão desapareceu quase imediatamente, mas quando Caro começou a jorrar sua torrente ultrajante de desinformação... presumivelmente apenas pelo prazer perverso de atormentá-lo... ele estava tão entretido que não se preocupara em corrigi-la.

Sempre fora assim entre eles.

Ela estava certa quando disse que ele adorava provocá-la. Quando era estudante, ansiava por suas visitas à casa da família dela com uma grande expectativa, escondendo seu prazer em brigar com ela por trás de uma falsa desaprovação ou uma contra provocação que se transformara em um flerte perigosamente excitante.

Fantasia de beijá-la, e muito mais, invadiram seus sonhos por anos.

À medida que amadureciam, e Caro se aventurava na sociedade, ele observou com crescente desaprovação enquanto outros jovens começavam a apreciar seus olhos brilhantes e inteligência irreverente. Mas, apesar de cobiçá-la em um grau excessivo, ela ainda era a irmã de seu melhor amigo... o que significava que não era a garota para um rápido rolo nos lençóis, mas sim o tipo de garota com quem se casava.

Naquela época, Max se considerava jovem demais para se estabelecer, mas respirava aliviado cada vez que ouvia que ela havia recusado outra proposta de casamento.

Em sua imaturidade imprudente, ele tinha sido um clássico cão na manjedoura, ou seja, não tinha sido capaz de admitir que a queria para si, mas também não queria que mais ninguém a tivesse.

Ele balançou a cabeça com sua própria estupidez juvenil.

Caro o lembrava das borboletas que seu pai gostava tanto de estudar, bonita sem esforço e ainda assim evasiva, voando de um grupo de pessoas para outro, fascinando tudo o que encontrava, mas nunca se acomodando em um lugar por muito tempo. Uma beleza transitória tão sedutora quanto uma andorinha sul-americana.

Sentia falta dela sempre que ela acompanhava seus pais e irmãs gêmeas em suas várias expedições de caça à espécimes ao redor do mundo.

Quando desafiara as expectativas da sociedade e se juntara à luta contra Napoleão como cavaleiro ao lado de seu irmão William, percebera o quanto ela significava para ele. Seus numerosos encontros com a morte, culminando no pesadelo de Waterloo, solidificaram seus sentimentos. Amava Caroline Montgomery com cada batida de seu coração.

Infelizmente, sua determinação em cortejá-la seriamente foi frustrada pelo fato de que ela partira para uma viagem de seis meses ao Brasil, três semanas depois dele ter voltado para a Inglaterra. Eles eram como navios que pernoitavam.

Como Londres era um lugar miserável sem ela, Max ficava na sua casa de campo, Gatcombe Park, e se ocupava em colocar os assuntos da propriedade em ordem. Seu tio, o décimo terceiro duque, tinha... ao contrário das afirmações de Caro... deixado os inquilinos felizes e os cofres ducais cheios, e Max rapidamente ficara inquieto.

Para passar o tempo até que Caro voltasse para casa, fez uma viagem há muito tempo atrasada para visitar seu primo na Índia. Quando Will escrevera para ele, mencionando que Caro e o resto de sua família viajariam para Madagascar, no Oceano Índico, no mês seguinte, Max decidira que o destino estava finalmente sorrindo para ele.

Ele organizou apressadamente sua própria passagem para a ilha para interceptá-los e garantiu uma cabine em seu navio de retorno, o *Ártemis*, com a deliciosa perspectiva de passar a jornada de volta à Inglaterra cortejando Caro tão completamente que ela finalmente o veria como seu par perfeito.

Isso, claramente, não tinha saído como planejado, mas Max descobriu que não podia ficar irritado com a situação em que de repente se encontraram.

Afinal, ele queria ficar sozinho com Caro. Talvez o destino tivesse inventado esse improvável estado de coisas para conceder-lhe o desejo de seu coração da maneira mais enfática e inevitável possível.

Porque agora a tinha, só para ele.

Por dias, se não por semanas.

Era a melhor ou a *pior* coisa que poderia ter acontecido com ele.

Obviamente, teria preferido um lugar um pouco menos ameaçador. Estar presos juntos em uma estalagem aconchegante, devido a uma nevasca, por exemplo. Ou preso em uma festa de casa nas Terras Altas. Em algum lugar com comida decente e instalações adequadas.

Aqui havia a possibilidade de danos corporais reais. Qualquer um deles poderia ficar doente ou se ferir. Poderiam morrer de fome lentamente.

Max balançou a cabeça novamente. Não. Nenhum mal aconteceria a Caro. Morreria antes de deixar isso acontecer.

Seus instintos protetores sempre foram fortes, talvez por ter perdido o pai em uma idade tão jovem, e se importava com os homens sob seu comando no exército como se fossem de sua própria carne e sangue. Fez o máximo

humanamente possível para mantê-los vivos durante a campanha, e faria exatamente o mesmo por Caro, agora.

Não que ele não achasse que ela era perfeitamente capaz de sobreviver aqui sozinha. Caro era uma das pessoas mais competentes que conhecia, homem ou mulher; era uma das muitas coisas que ele amava nela. A maioria das mulheres conhecidas dele estaria desmaiando na areia agora, lamentando seu destino. Caro apenas pareceu desapontada com o tamanho de seu canivete.

Max soltou outro bufo de diversão. Ela não ficara desapontada com a visão do peito dele, no entanto. Ela não conseguira desviar o olhar quando tirara a camisa.

O conhecimento impulsionou seu espírito imensamente.

Fizera um trabalho melhor fingindo não notar o corpo *dela*, embora fosse uma tarefa hercúlea. Quando ela tirara o vestido úmido, a anágua e o corpete, fora preciso muita força para não olhar para o contorno tentador de seu corpo tão mal escondido por sua chemise. Ele queria pegá-la em seus braços e nunca a deixar ir, mas tal movimento teria sido recebido com espanto ou fúria por Caro.

Ele teria que esperar sua vez.

Percebendo que havia alcançado suas roupas, Max as juntou e começou a voltar para a areia.

Capítulo 6



Caro havia juntado uma pilha grande de madeira quando Hayworth voltou. Ele organizou suas roupas ainda úmidas sobre algumas rochas próximas, depois se aproximou dela com um sorriso.

— Tenho outra surpresa. Quando peguei meu casaco, descobri meu relógio de bolso.

A caixa de metal brilhava quando ele a ergueu. — Parece ser ouro maciço.

— Ele a olhou de soslaio, um olhar questionador. — O que é estranho.

— Por que é estranho?

— Bem, isso deve valer algumas centenas de libras, pelo menos. Se eu não tenho dinheiro, como é que não o vendi, para pagar algumas das minhas dívidas?

Caro amaldiçoou internamente. Ele estava tentando pegá-la em sua mentira? Ou realmente não se lembrava de sua própria posição elevada?

— Tem valor sentimental — disse ela rapidamente, rezando para que fosse verdade. — Pertencia ao seu pai. O senhor não suportaria vendê-lo.

Seu pulso acelerou quando ele abriu a caixa e olhou para uma inscrição gravada na parte inferior da tampa. Por favor, Deus, que não tenha sido um presente de um amigo, ou, pior ainda, de uma amante. Se dissesse “*Para Max, de sua querida Sally*”, ou algo igualmente condenatório, ela estaria em um mundo inteiro de problemas.

— H.E.C. — Ele leu.

Caro deu um suspiro silencioso de alívio com seu palpite de sorte. — Isso significa Henry Edward Cavendish. Seu pai.

— Ah. Excelente. — Ele fechou a tampa. — Não que ter um relógio seja muito útil aqui. Não é como se estivéssemos recebendo visitas. — De repente, ele bateu com a palma da mão aberta na nuca. — Ugh. Algo me mordeu!

— Precisamos fazer uma fogueira. A fumaça manterá os insetos afastados.

— Verdade, mas como? Se a senhorita acha que vou passar horas esfregando gravetos, pode pensar novamente. Um dos meus tenentes tentou uma vez, na Espanha, e tudo o que ele conseguiu por seu trabalho foram bolhas nas palmas das mãos e dores nas costas.

— Não precisará esfregar gravetos.

Seus lábios deram um pequeno sobressalto animado. — A senhorita tem uma caixa de pólvora escondida sob sua bela chemise, não é? Um par de pistolas, talvez?

Caro tentou não corar com o lembrete de seu estado de nudez. — Infelizmente não, mas podemos fazer uma fogueira com isso. — Ela apontou para o relógio em sua mão.

— Como? A guia é de aço, eu garanto, mas são minúsculas, e não temos

uma pederneira para atacar contra elas.

— Não, olhe. — Estendeu a mão e ele passou o relógio para ela. Ela o abriu. — O vidro é curvo. Podemos usá-lo como um prisma, para concentrar os raios do sol em algum pavio.

Caro conteve um pequeno sorriso. Essa era uma habilidade prática que *aprendera* no Brasil, embora ela e as gêmeas só tivessem feito isso por diversão, e não por necessidade. Elas queimaram desenhos criados em folhas e incendiaram o chapéu de palha de Louisa com a lupa de seu pai.

Ela olhou para cima. — Infelizmente, não temos sol. — Apesar do calor opressivo, o céu estava nublado. — Mas assim que essas nuvens desaparecerem, podemos tentar.

Hayworth assentiu. — Vamos fazer um abrigo, então. Vai chover em algum momento. Precisaremos nos manter secos, assim como nosso pavio. — Ele olhou para as árvores. — Não acho que devemos construir diretamente sob um coqueiro. Ouvi falar de pessoas sendo mortas por cocos que caindo sobre elas.

Caro se perguntou se ele tinha ouvido essas histórias do primo que estava visitando na Índia, mas segurou a língua. Talvez ele realmente *não* se lembrasse dessa parte de sua vida. Parecia estranho que se lembrasse de algumas coisas, mas não de outras, mas ela certamente não era especialista em ferimentos na cabeça.

Ele pegou uma folha de palmeira e começou a varrer a área. — Este é um bom lugar. As rochas nos protegerão se o tempo piorar.

Caro mordeu o lábio com a visão inesperada dele realizando a tarefa de uma criada. — Já fez um abrigo antes? Usou tendas no exército?

— Bem, como oficial, geralmente ficava alojado em uma fazenda local sempre que possível, mas passei algumas noites sob as estrelas. — Os músculos de seus braços flexionaram enquanto ele recolhia galhos das árvores. — Podemos transformá-los em moldura e depois cobri-los com folhas de palmeira.

— Como vamos amarrá-los juntos? Infelizmente, não vi nenhuma corda sendo arrastada pela costa.

Caro estava relutante em sugerir que poderiam usar tiras de suas anáguas para isso. Já estava com poucas camadas o bastante. — Vou procurar algumas videiras. E algo para comer.

Hayward lhe enviou um sorriso relaxado que fez seu coração bater ainda mais forte.

— Obrigado.

— É melhor começar fazendo uma plataforma, afastada do chão — acrescentou Caro. — Foi o que fizemos no Brasil. Há muitos bichos que rastejam. Cobras, aranhas, centopeias e outras coisas.

Ele mostrou um arrepio de forma teatral. — Ótimo argumento. Escorpiões eu posso lidar, mas *não* sou fã de aranhas. Animaizinhos desagradáveis, cheios de perninhas.

Caro calçou as botas ainda úmidas e o deixou quebrando galhos e recolhendo pedaços de madeira. Ela se aventurou pela praia, à procura de qualquer coisa que pudesse ser útil.

Alguns anos atrás, lera o romance de Daniel Defoe, *Robinson Crusoe*. O autor havia dado ao náufrago fictício uma série de ferramentas e outros itens para aquela aventura. Crusoe havia resgatado tudo quanto é tipo de objeto de seu navio, de facas e serras de carpinteiro a tecidos de vela e metros de corda e barbante.

Ela e Hayworth, em contraste, tinham um canivete, um relógio de bolso e as roupas que estavam vestidos.

Caro soltou outro bufo de irritação. O destino, claramente, queria que sofressem. Seria pedir demais que tivesse lhes enviado um pouco de tecido e um bom comprimento de corda?

Ela examinou a praia e depois a lagoa, rezando por um milagre, mas não havia nada para ver além de areia e das ondas que brilhavam.

Vários cocos haviam aparecido na costa, então ela os coletou, fazendo uma pequena pilha para sua viagem de volta, junto com algumas conchas vazias tipo vieira. Depois então se aventurou para dentro da floresta, com o cuidado de prestar atenção no seu caminho, deixando rastros de galhos quebrados, para não se perder.

A folhagem era muito parecida com as selvas que encontrara no Brasil, uma profusão de verde, mas havia dezenas de plantas que não reconhecia. Pássaros de cores vivas chamavam uns aos outros nas árvores e borboletas esvoaçavam preguiçosamente entre as flores.

Um lampejo de cor vermelha chamou sua atenção, e ela descobriu uma árvore carregada de frutas. A polpa da fruta se assemelhava a um pêssego enorme e alongado, graduando-se de vermelho, passando por laranja e verde.

Mal ousando acreditar em sua boa sorte, pegou uma e a cheirou, depois deu uma mordida hesitante e gemeu de felicidade enquanto o sabor doce e familiar da manga enchia sua boca. Experimentara essa fruta tropical no Brasil e rapidamente se transformara uma de suas favoritas.

Tomada pelo entusiasmo, pegou quatro das frutas mais maduras e correu de volta para a praia.

Não tinha mãos suficientes para carregar todas as mangas, conchas e cocos, mas estava relutante em fazer outra viagem no calor sufocante. Deixando de lado seu constrangimento natural, levantou a bainha da sua chemise, transformando sua peça de roupa em uma bolsa improvisada, e colocou tudo ali.

Ela manteve o material o mais baixo possível, rezando para que Hayworth estivesse tão ocupado coletando madeira que não notasse sua chegada, mas o som do movimento parou abruptamente quando ela se aproximou do acampamento. Quando levantou os olhos, encontrou o olhar ávido dele fixo firmemente em suas coxas desnudas.

Caro se ajoelhou o mais rápido que pôde e depositou sua recompensa na

areia.

O movimento pareceu tirar Hayworth de seu transe, e ele se ocupou em cobrir o telhado do abrigo que construiu na ausência dela. Para sua decepção, ele vestira a camisa de volta, escondendo todos aqueles seus músculos gloriosos.

— O que tem aí? — ele perguntou bruscamente.

Ela levantou uma fruta avermelhada. — Encontrei uma mangueira.

Ele enviou-lhe um olhar duvidoso. — Tem certeza de que isso é comestível? A última coisa que queremos é que um de nós fique doente.

Ela revirou os olhos com o ceticismo dele. — Sim, tenho certeza. Já até mesmo comi um pouco, e não estou espumando pela boca ou rolando no chão em agonia. Comíamos isso o tempo todo no Brasil.

Ela juntou alguns pedaços de madeira para fazer uma mesa rudimentar e colocou as mangas e os cocos nela, depois mostrou mais de suas descobertas.

— Podemos usar essas cascas de coco como copos para água, e essas grandes conchas como colheres ou até mesmo pratos.

— Bom trabalho.

Ela reprimiu o brilho de felicidade que o elogio dele provocara em seu peito. — Parece um bom abrigo.

Ele grunhiu, como se não estivesse impressionado com seu trabalho. — Vai servir por enquanto. Está acima do chão, pelo menos. E deve nos proteger do pior da chuva. É difícil não ter um machado ou uma serra para cortar galhos.

— Parece maravilhoso — disse Caro, genuinamente impressionada com o que ele construía.

Alguns anos atrás, Caro teria apostado sua vida que Max Cavendish não era capaz de colocar suas próprias botas sem assistência, mas seu tempo no exército claramente lhe dera habilidades que a maioria dos aristocratas não possuíam.

Ele fez um movimento teatral com o braço. — Bem-vinda ao *Château* Cavendish, mademoiselle. A melhor residência deste lado de Madagascar.

Caro sorriu com seu humor provocador e autodepreciativo. O “*château*” era uma estrutura básica de galhos e folhas apoiados na extremidade por três enormes pedregulhos. — É certamente a melhor casa *desta ilha* — disse ela criteriosamente.

— Posso lhe mostrar o lugar?

— Por favor.

— O chão, como pode ver, é o mais recente em construção de bambu, com uma generosa cobertura de folhas de palmeira.

Caro mordeu o lábio para impedir que uma risada escapasse. Ela moldou a sua expressão em uma de falsa seriedade, como se estivesse fazendo um passeio por uma das melhores mansões da Inglaterra. — Acredito que o grande arquiteto Robert Adam usa exatamente os mesmos materiais.

Os lábios dele se curvaram.

— E o telhado? — ela perguntou.

— A melhor estrutura de madeira, protegida com videiras, finalizada com folhas sobrepostas da mais alta qualidade.

Caro tocou os lábios com o dedo, como se estivesse pensando profundamente. — Uma técnica tão inovadora. Vou me certificar de mencionar isso ao meu primo Tristan quando voltarmos à Inglaterra. Ele também é arquiteto.

Hayworth gesticulou grandiosamente para os arredores. — A senhorita notará o aspecto agradável ao sul e a vista incomparável para o mar.

— Magnífico — murmurou Caro.

— Também temos o que há de mais recente em refeições ao ar livre. — Ele acenou para a mesa improvisada dela. — E não nos esqueçamos do arranjo inovador das instalações para higiene pessoal.

— Para o quê?

— Não há penicos — disse ele com o rosto reto. — A senhorita vai ter que dar a volta na parte de trás daquela árvore.

Caro corou, mas ainda riu de seu humor obsceno. Ela apreciara a tentativa de deixá-la à vontade.

Ele apontou para o riacho. — Sem mencionar a água quente e fria.

Ela ergueu as sobrancelhas. — Quente e fria?

Ele sorriu novamente, e o coração dela deu outro pequeno solavanco. Ele era irresistível quando estava provocando.

— Quente à tarde, quando o sol bate nela. E fria pela manhã, para as abluções de milady.

— Ah. E quantas pessoas acredita que pode acomodar? Posso ter um acompanhante.

Seus olhos brilharam. — Um acompanhante, a senhorita diz? Hmm. Esta residência é extremamente compacta. Na verdade, pode ser um pouco apertado, quando se está realmente dentro. Mas desde que os dois estejam em termos amigáveis, não acho que isso seja um problema.

Caro sabia que suas bochechas estavam esquentando ao pensar que os dois teriam que se abrigar lá dentro. Mal parecia grande o suficiente para se deitarem lado a lado sem se tocarem. Ainda assim, era melhor do que nada.

— Tenho certeza de que podemos chegar a um acordo amigável — disse ela suavemente. — Qual é o preço pedido?

Seu olhar brilhante captou o dela e por um momento Caro teve certeza de que ele estava prestes a pedir algo ultrajante, como um beijo. O olhar dele *caiu* para sua boca por um segundo, antes que ele encolhesse os ombros elegantemente.

— Houve muito interesse, senhorita. As propriedades neste trecho da costa são poucas e distantes uma da outra. Esta propriedade maravilhosa vai custar... dois cocos e uma manga.

— Fechado!

Caro limpou a mão na chemise e depois a estendeu em direção a ele para um aperto. Ele a pegou, e o estômago dela despencou quando os dedos dele se

fecharam ao redor dos seus. Max apertou a mão dela com firmeza para cimentar o “acordo”, e ela reprimiu seu sentimento de decepção quando ele a soltou e abaixou a mão.

Ela deu um passo para trás.

— Se me der sua faca, posso cortar a manga.

Capítulo 7



Caro lançou olhares furtivos para Hayworth enquanto ele pegava um dos cocos que havia trazido.

— Então, como abrimos isso?

— Os verdes, como aquele... — ela apontou para um coco no chão, — têm uma água refrescante dentro e que podemos beber. Podemos abri-los com sua faca.

Ele agitou o coco que estava segurando, que fez um som de líquido balançando. — E esses mais escuros? Eles têm nozes dentro?

— Sim. Mas é preciso quebrar a casca para chegar neles. Sem uma faca decente, a melhor maneira é atingi-los é com uma pedra até que eles se quebrem.

— Certo.

Max partiu para a beirada da água e ela observou enquanto ele colocava o coco entre duas pedras. Então selecionou outra pedra grande, levantou-a até a altura dos ombros e acertou no topo do coco com um estalo alto.

Ele repetiu a ação várias vezes e, eventualmente, removeu a cobertura peluda. Levantou o coco triunfantemente, como se tivesse capturado a insígnia do inimigo durante uma batalha.

— Sucesso!

Caro sorriu com seu entusiasmo. Apesar de toda a sofisticação dele quando estava na *ton*, ela teve a sensação de que finalmente estava tendo um vislumbre do verdadeiro Max Cavendish. O homem que se escondia sob o verniz civilizado e cínico. Um homem que tinha um prazer simples e primitivo em fazer algo tão físico.

Um homem que achava extraordinariamente atraente, maldição.

Ele voltou para a praia, segurando seu prêmio. O coco parecia surpreendentemente pequeno em suas mãos grandes.

— E agora?

Caro pegou o coco dele e o equilibrou cuidadosamente entre os joelhos. — Se abrimos, podemos beber o líquido que está dentro. — Ela localizou os três pontos mais escuros no topo e usou a ponta do canivete para perfurar um pequeno buraco. Ela o ergueu na direção dele.

— Experimente.

— Ah, não, as damas primeiro, eu insisto.

Ela deu um sorriso irônico. — O senhor só quer se certificar de que é adequado.

Ele sorriu. — Talvez.

Caro levou o coco até a boca e tomou um gole, saboreando o sabor refrescante. Depois o estendeu para Hayworth, e seu estômago se apertou um

pouco quando ele colocou a boca diretamente sobre o mesmo local em que ela havia colocado, sem limpar a superfície.

Sua garganta pulsou quando inclinou a cabeça para trás e engoliu em seco, e ela cerrou os dedos em um punho contra o desejo de levantar a mão para tocá-lo.

— Ahh — ele suspirou. — Agora. Devo abrir isso?

Ela acenou para que ele voltasse para as rochas. — Vá em frente. — Ela *quase* terminou com “Sua Graça” — mas parou bem a tempo.

Quando ele voltou, Caro cortou duas das mangas, e se sentaram em troncos opostos com sua mesa improvisada entre eles. Caro usou a faca para cortar alguns pedaços do coco da casca dividida.

— Nunca comi manga antes — disse Hayworth, aceitando uma fatia. — Pelo menos, acho que não. Quem sabe, talvez eu tenha comido manga todos os dias durante semanas e não me lembre? Presumo que comi manga em Madagascar?

Caro revirou os olhos, ainda não totalmente convencida de que não estava brincando com ela. — De fato, o senhor comeu. Talvez o sabor o lembre. É um pouco parecido com pêssego, só que mais doce, com mais suco.

Ela observou fascinada enquanto ele dava uma mordida hesitante, incapaz de desviar os olhos de sua boca.

Os lábios dele sempre a atraíram. Eram firmes e simétricos, e ela passara muitas noites imaginando como se sentiriam pressionados contra os seus. O suco da manga cobria o inferior com um brilho úmido, e ela teve a súbita e insana vontade de se inclinar para frente e lambê-lo, para provar a doçura pegajosa nele.

O calor estava claramente fazendo-a delirar.

— Delicioso — ele murmurou, e quando ela levantou os olhos, encontrou os dele fixos nela.

Por um momento, Caro imaginou que ele *a* estava memorizando, e um calor indesejado inundou suas bochechas. Perturbada, jogou um pedaço de manga na boca e se concentrou no perfume inebriante e na polpa perfumada.

— Não coma muito, ou vai sentir dor de barriga — ela murmurou, entre as mastigações.

Ele ergueu as sobrancelhas. — Isso soa como a voz da experiência.

Ela assentiu. — Lenore apostou uma vez sua fita favorita como eu não seria capaz de comer três de uma vez. Provei que ela estava errada..., mas gostaria de não ter feito isso. Passei o resto do dia na cama, me sentindo péssima.

Ele riu da expressão irônica dela.

De repente, desconfortável com o olhar dele, ela olhou para o horizonte. O sol, já além de seu zênite e se pondo, era visível, mas as nuvens irregulares impediam quaisquer raios que pudessem ser usados para iniciar um fogo.

— É uma pena que o sol esteja se pondo — ela resmungou. — Seria bom acender uma fogueira.

Hayworth se levantou e enxaguou as mãos no riacho. — Bem, acho que tivemos um primeiro dia muito bem-sucedido, considerando todas as coisas. Encontramos água e comida. E temos um lugar para dormir. Diria que formamos uma boa equipe.

Caro encolheu os ombros, embora estivesse secretamente emocionada com o elogio dele. Nunca pensara em ouvi-lo dizer algo tão elogioso. Na verdade, de repente percebera que havia se acostumado com os homens a vê-la como uma espécie de aberração com muito conhecimento... uma mulher com muitas habilidades “nada femininas” e traços “desejáveis” insuficientes, como ignorância superficial e vontade de rir das piadas de um homem, por mais fracas que fossem.

— Fomos incrivelmente afortunados — disse ela calmamente. — Não sei o que teríamos feito se não houvesse água fresca. — Ela olhou para trás ao longo da praia, em direção ao promontório rochoso. — Espero que os outros tenham tido a mesma sorte.

— Eu ficaria surpreso se não tivessem. Aquela outra ilha parece maior do que esta, e eles podem até ser capazes de remar de volta para o navio e salvar os suprimentos que estão nele. Podemos voltar e ver, se quiser.

— Tudo bem.

Eles partiram, com Caro escalando as rochas desta vez, já que ainda usava botas. Ela apertou os olhos para a ilha no horizonte e deu um suspiro enquanto avistava um lampejo de luz.

— Eles fizeram uma fogueira! Olhe!

Capítulo 8



Uma nuvem de fumaça estava subindo até o céu, e Hayworth soltou um longo assobio.

— Fizeram mesmo. Sortudos. Eu me pergunto como conseguiram isso.

Caro não conseguia esconder seu gemido invejoso. — Gostaria que estivéssemos *naquela* ilha.

Ele esbarrou levemente contra o ombro dela de forma amigável, exatamente como o tinha visto fazer com o irmão. — Ora, vamos. Não é tão ruim aqui. Estamos vivos, não estamos? ‘*Dum Spiro Spero*’ e tudo mais.

— Enquanto estiver respirando, espero?

Ele parecia adequadamente impressionado com sua capacidade de traduzir o latim, e ela reprimiu uma pequena faísca de orgulho. Seu latim era excelente, graças à necessidade de ajudar seu pai na classificação de suas várias espécies de borboletas.

— Exatamente. Um daqueles velhos romanos rabugentos disse isso. Cícero, talvez? Ou Heródoto. De qualquer forma, era algo que dizia a mim mesmo todos os dias quando estava em Portugal. Cada vez que eu vivia para ver outro pôr do sol... não importava o quão faminto, ou magoado, ou cansado... era um lembrete de que pelo menos não estava morto. A morte é definitiva. Vivo, há uma chance de voltar para casa, para ver as pessoas de quem gosta. As pessoas que ama.

Caro olhou-o surpresa e estranhamente tocada por ter compartilhado algo tão pessoal com ela. Sempre pensara nele como invencível; o intocável e imperturbável duque de Hayworth. Era bastante reconfortante saber que ele era humano e propenso aos mesmos medos e inseguranças que ela. Isso a fez admirá-lo ainda mais.

Ugh. Por que ele não poderia ter continuado irritante e distante, como sempre fora no passado?

Ela se forçou a dar uma risada leve e provocadora. — *Amor*? Não achei que os homens acreditassem no amor. Will sempre jurou que nunca seria vítima de uma emoção tão ridícula. Diz que o amor é apenas para mulheres e tolos.

Hayworth deu-lhe um olhar enigmático. — Costumava pensar o mesmo, mas a guerra muda o homem. Espero encontrar uma mulher que me ame, imperfeito como sou. — Ele parou abruptamente na areia. — Espere! Não sou *casado*, sou? Tenho uma esposa na Inglaterra? Uma noiva? Uma amante?

Caro riu. Se estava apenas fingindo ter perdido a memória, estava fazendo um trabalho admirável. — O senhor não tem esposa. Nem uma noiva, até onde sei. Pelo menos não tinha uma quando parti para o Brasil há oito meses.

Ele deu um suspiro de aparente alívio.

— Quanto a uma amante — ela não resistiu às provocações, mesmo que o

assunto estivesse claramente fora dos limites em circunstâncias normais, — o senhor poderia muito bem ter uma. Ou várias. Eu não saberia.

Ele definitivamente teve amantes no passado. A fábrica de rumores na *ton* estava sempre sussurrando sobre ele. O coração de Caro deu um pequeno aperto de ciúmes no peito.

— Suponho que muitas mulheres não queiram se casar com um ex-soldado, que virou cavaleiro e valete — disse ele sério.

Caro quase bufou. Conhecia centenas mulheres que se casariam com ele, mesmo que não tivesse um centavo em seu nome. O homem parecia um deus grego. E tinha um título. Isso por si só o tornava um prêmio matrimonial. Adicione uma quantia obscena à mistura, e era um milagre que ainda não tivesse sido agarrado.

Hayworth parecia estar esperando uma resposta, então fingiu um olhar de simpatia.

— O senhor vai se recuperar. Quem sabe? Em um ano ou dois, pode até ser promovido a mestre dos estábulos.

— Supondo que um dia consigamos sair desta ilha.

Ambos olharam com inveja para as chamas laranja brilhantes. Hayworth acenou e recebeu um sinal de resposta de uma figura na costa.

Ele se inclinou e começou a encher o braço de madeira. — Devemos preparar a nossa própria fogueira. Dessa forma, quando um navio chegar, estaremos prontos.

Caro assentiu, satisfeita com sua confiança de que ela, de fato, seria capaz de fazer uma fâsca para eles em breve. A crença de Max nas habilidades dela era animadora. Tantos homens que conhecia teriam tentado fazer a tarefa sozinhos, ou descartado sua ideia de imediato, e insistiriam em tentar uma centena de outras maneiras de começar um fogo.

Eles passaram a meia hora seguinte empilhando uma pirâmide de madeira sob as árvores, depois voltaram para o acampamento.

O sol estava se aproximando do horizonte, e o céu começando a ficar uma linda mistura de roxo e rosa. Ia ser um pôr do sol espetacular. Caro começou a coletar mais madeira em prontidão para a manhã, mas Hayworth se aventurou até a beira da água.

— Vou dar um mergulho.

Ele tirou a camisa e a jogou nas rochas secas.

— É melhor virar de costas, Srta. Montgomery — ele avisou com uma risada baixa, — porque estou prestes a tirar minhas calças.

Caro respirou fundo e se virou para o abrigo, embora cada fibra de seu ser quisesse se voltar e espiar. Seus ouvidos se esforçaram para perceber o som, a rouquidão do tecido sendo retirado, então ouviu o barulho da água quando ele entrou.

Um barulho maior, e ela o ouviu chamar: — Pode se virar agora.

Fez isso e fingiu que estava perfeitamente acostumada a ver um homem parcialmente submerso e nu nadando no mar a menos de cinquenta passos

dela.

Apesar da clareza da água, as sombras alongadas e o movimento das ondas a impediram de ver mais do que os mais breves lampejos de pele. Mas apenas o conhecimento de que Max estava lá, *completamente nu*, era o suficiente para fazê-la se sentir decididamente nervosa.

O brilho rosado do sol poente dourou seus ombros largos e colocou gotículas de água em seus cabelos cintilantes. Ele se abaixou sob a superfície e reapareceu, passando as mãos pelos cabelos molhados como um tritão mítico, ou Poseidon, emergindo das profundezas para reivindicar uma amante mortal da terra.

Caro via como uma garota poderia ser tentada. A curva de seus bíceps e a perfeição de seu peito fizeram a boca dela secar. A suspeita de que ele poderia estar se exibindo deliberadamente, para tentar atrai-la, se formou em seu cérebro, mas ela descartou tal coisa quase imediatamente. Um homem como Hayworth nunca estaria interessado em uma mulher como ela.

— A senhorita não vai entrar? — ele exigiu brincando. — Deve estar com calor.

Caro estava definitivamente com calor e não apenas porque pegara madeira. Teria adorado dar um mergulho refrescante, mas não havia como tirar mais roupas na presença perturbadora de Hayworth.

— Talvez amanhã. Meu cabelo vai demorar muito para secar sem o sol, e eu não consigo dormir se estiver molhada.

Duvidava que fosse dormir alguma coisa, com aquele corpo divino bem ao lado dela naquele abrigo ridiculamente pequeno, mas esse não era o ponto.

Hayworth enviou-lhe um olhar repreensivo que sugeria que ela era uma desmancha-prazeres, mas Caro se forçou a atravessar para o riacho e lavar o rosto e as mãos. Manteve as costas viradas quando ele finalmente saiu da água e esperou até que Max tivesse tempo suficiente para se vestir antes de olhá-lo novamente.

Eles comeram as mangas restantes quando a luz começou a desaparecer e as sombras roxas se alongaram.

— Devemos tentar explorar a ilha pela manhã e ver o quão grande ela é. — Hayworth disse, e Caro teve um vislumbre de como ele deveria ter sido como capitão do exército, planejando as excursões do dia seguinte em território inimigo.

— Depois podemos nos aventurar para dentro. — Continuou ele, sem saber de sua análise. — Podemos seguir esse caminho e ver onde ele leva. Pode haver um lago ou rio maior mais acima na colina em que possamos lavar nossas roupas. A água salgada deixa tudo mais duro.

Caro assentiu. — Sim. Seria bom tomar banho em água fresca. Podemos procurar mais comida também. Lembro-me de onde está minha mangueira, mas provavelmente haverá outras.

— A senhorita não precisa vir — ele ofereceu. — Pode ser bastante extenuante.

— Há! Aposto que atravessi um terreno mais difícil do que o senhor, Max Cavendish. Certa vez, tive que atravessar um rio enquanto me equilibrava entre duas cordas suspensas. Não sou uma debutante sorridente que nunca foi mais longe do que Brighton.

Sua boca se curvou em apreciação. — É uma mulher extraordinária, Caroline Montgomery. É por isso que posso dizer honestamente que não há ninguém com quem eu prefira naufragar do que a senhorita.

Caro zombou de sua tentativa flagrante de agradá-la. Não acreditara nele nem por um minuto... sem dúvida teria preferido ficar perdido com uma de suas amantes, que lhe teria oferecido o mais básico dos confortos humanos. Mas o coração dela ainda brilhava com o seu elogio. Era bom ser considerada competente, pelo menos.

— Então — disse Hayworth. — Hora de dormir?

Capítulo 9



— Qual lado prefere? — Hayworth perguntou alegremente.

O coração de Caro começou a bater forte. Não tinha ideia de *qual* lado preferia, pois nunca havia compartilhado uma cama com ninguém, um fato que Hayworth certamente deveria saber, ou pelo menos presumir, já que ela era claramente uma dama..., mas se recusou a deixá-lo provocá-la.

— O lado direito — ela disse.

O sorriso dele se alargou. — Isso é bom. Porque prefiro o lado esquerdo.

Ela olhou-o e cruzou os braços defensivamente sobre o peito. — Deve perceber que este abrigo é a *única* coisa que compartilharemos esta noite, Maximillian Cavendish. Não sou uma mulher promíscua de Londres a qual possa... — ela fez uma pausa, sem saber ao certo aonde estava indo com aquela frase.

—...usar para aquecer o corpo? — ele forneceu com uma risada. — Seduzir até que seus membros percam a força?

— Algo assim. — Ela murmurou.

Ele levantou as duas mãos em um gesto de inocência. — Prometo que serei o cavalheiro perfeito.

— Bem, ótimo.

Caro foi até as rochas e pegou seu vestido e anáguas. Ambos estavam secos, então foi atrás de um arbusto e colocou o vestido de volta, depois embolou as anáguas como um pacote para usar como travesseiro. Seu espartilho também estava seco, mas não conseguia encarar a ideia de colocá-lo de volta para dormir, mesmo que fornecesse uma camada extra de proteção. Caro o deixou pendurado no arbusto.

Quando emergiu, Hayworth já estava deitado no abrigo, observando o lado de fora, então tirou as botas e rastejou ao lado dele, os pés, cobertos por meias, primeiro.

Os dois estavam deitados lado a lado de barriga para baixo, apoiados nos cotovelos, e olhavam para o mar que escurecia. Seus ombros quase se tocaram.

— Não deve esfriar muito, mesmo sem uma fogueira — disse ele. — Mas se, a qualquer momento, a senhorita sentir a necessidade de calor corporal extra, só precisa pedir.

Caro deu uma pequena bufada divertida. — Tenho certeza de que ficarei bem.

Ela enfiou o travesseiro feito das anáguas sob a cabeça e virou as costas para ele, mas, apesar de sua exaustão física, sua mente se recusou a se acalmar. Ela dividira a mesma tenda com suas irmãs, de vez em quando, mas nunca dormira tão perto de um homem.

No espaço fechado, podia sentir o cheiro dele, uma agradável mistura de pele limpa, sal e algum perfume masculino indefinível que fazia os dedos dos pés se enrolarem dentro das meias. O som uniforme de sua respiração e os vários ruídos das folhas enquanto ele tentava se sentir confortável encheram seus ouvidos e a deixaram muito ciente do espaço apertado.

Alguma parte dele roçou seu traseiro, e ela se afastou, feliz por Max não poder ver suas bochechas rosadas.

— Perdão. — Ele murmurou.

Caro bocejou. O chão da cabana não era nada confortável, ela teria hematomas no quadril e no ombro pela manhã. Disposta a relaxar, fechou os olhos e tinha d começado a cochilar quando um baque alto por perto a fez acordar de novo com um sobressalto.

— O que foi isso? — ela gritou, seu coração acelerado.

— Coco caindo — murmurou Hayworth, aparentemente menos alarmado do que ela. — Disse que não deveríamos construir sob as palmeiras.

Estava quase totalmente escuro agora, a lua estava apagada, e Caro podia distinguir um banco de nuvens acima deles. Com um tamborilar repentino, uma enxurrada de gotas de chuva começou a cair, lentamente no início, e depois em um assobio rítmico constante ao redor.

— Oh, maravilhoso — Hayworth gemeu secamente. — Exatamente o que o médico receitou.

Caro se moveu mais fundo no abrigo, longe dos pingos que agora caíam da entrada aberta. Ela esperou que mais comesse a cair pelo “telhado” frondoso, mas Hayworth deve ter feito um trabalho decente ao cobri-lo porque nenhuma água conseguiu entrar.

Aliviada por pelo menos permanecerem relativamente secos, fechou os olhos novamente, estranhamente acalmada pelo som da chuva batendo nas folhas e pela presença masculina tranquilizadora ao seu lado. Alguma parte primitiva e básica dela se sentia infinitamente segura com Hayworth ao seu lado. Isso, por si só, era um pensamento problemático, mas estava cansada demais para dissecá-lo.

— Boa noite, Cavendish. — Ela murmurou.

Havia um sorriso em sua voz quando ele respondeu. — Boa noite, Montgomery. Bons sonhos.

Capítulo 10



Quando Caro acordou, franziu a testa confusa quando viu o monte de folhas inclinadas à sua frente por alguns minutos, totalmente desorientada. Todo o seu corpo doía, e ela tinha uma vaga lembrança de estar com frio à noite, mas agora se sentia deliciosamente quente... pelo menos ao longo da parte de trás de seu corpo.

O brilho rosado do nascer do sol aqueceu o interior do abrigo e a lembrança retornou com uma súbita memória alarmante. O peso pendurado em sua cintura era o *braço de Hayworth*. A sensação agradavelmente quente atrás dela era o *seu corpo*, pressionado contra o dela, seu corpo inteiro.

Respirou fundo, escandalizada. *Hayworth já estava acordado?*

Ela tentou ouvir, seu coração batendo rápido, identificou uma respiração forte e uniforme que sugeria que Max ainda estava dormindo profundamente.

Graças a Deus! Não se lembrava de como eles acabaram nessa situação, mas claramente se entrelaçaram em algum momento durante a noite.

Suas bochechas esquentaram de mortificação, mesmo enquanto tentava ficar absolutamente imóvel para registrar as sensações extraordinárias.

Ele estava duro, caloroso e envolvente. Estava pressionado contra as suas costas com tanta força que ela podia sentir a subida e a descida de seu peito enquanto ele respirava, podia sentir as cócegas de suas exalações contra o pescoço. Seu joelho estava pressionado contra a parte de trás de sua perna, e... oh, Deus!... seu traseiro estava aninhado maravilhosamente no colo dele.

Nunca em sua vida esperara acordar em seus braços. Hayworth, sem dúvida, não tinha ideia do que estava fazendo, provavelmente estava tão acostumado a dividir a cama com uma mulher que seu corpo automaticamente aconchegou-se ao dela durante a noite.

Determinada a se desvencilhar dessa situação mortificante, deslizou para fora de seu abraço o mais silenciosamente possível. Fez uma pausa, o pulso acelerado, quando ele murmurou algo incoerente e rolou de costas, mas felizmente não acordara.

Quando estava totalmente fora do abrigo, arriscou um olhar de volta para ele, cedendo ao desejo de observá-lo enquanto dormia. Era um privilégio, um momento secreto que guardaria com ela para sempre. Os raios do amanhecer destacavam a inclinação de seu nariz e a barba por fazer em sua bochecha. Caro deu um último olhar de desejo e se forçou caminhar até a praia.

Ela se sentiu mais acordada quando tirou as meias e andou dentro da água. Juntou mais alguns cocos e, quando voltou ao acampamento, encontrou Hayworth sentado em um tronco virado para cima com o canivete em uma mão e seu espartilho na outra.

Ela largou os cocos e correu em direção a ele.

— Ei, o que diabos está fazendo?

Ele continuou rasgando alegremente a costura de seu espartilho com a lâmina. — Estou desmontando para que possamos usar os fios de metal para fazer um anzol.

Todo o corpo de Caro corou ao ver sua peça de roupa íntima naquelas mãos enormes. — O quê? Não!

— A senhorita vai ter que fazer sacrifícios pela sobrevivência. Pode comer peixe no jantar ou ter um peito bem sustentado. O que vai ser?

O olhar impenitente dele mudou sutilmente para os seios dela, e Caro amaldiçoou a maneira como seus mamilos pareciam formigar em resposta. Ela cruzou os braços na frente do peito. — Tudo bem. Peixe.

— Ótima escolha — ele sorriu, mesmo que ela realmente não tivesse tido escolha. Com um rasgo e um puxão, ele retirou uma das finas tiras de metal da peça e começou a dobrá-la em uma curva. Com sua faca, a cortou até um tamanho decente e afiou a ponta em um ponto.

— O que vai usar para amarrar? — reclamou Caro.

Max apontou para trás dele, para suas anáguas, e ela se amaldiçoou por deixá-las no abrigo. Caro deveria saber melhor do que confiar nele com qualquer coisa.

— Já puxei um bom e longo pedaço de fio da parte de baixo — disse ele, saboreando claramente o descontentamento dela. — Não se preocupe, ainda está perfeitamente vestível.

Com um bufo irritado, Caro acomodou-se desanimada em seu próprio pedaço de madeira. O sol havia nascido, mas nuvens pontilhavam o céu. Ainda assim, havia esperança de que elas pudessem se dispersar com o passar do dia. Afinal, ela poderia conseguir fazer uma fogueira.

Ela mordiscou um pouco o coco e observou com silenciosa apreciação enquanto Hayworth começava a fazer uma vara de pescar rudimentar com um galho, o comprimento de fio de algodão e seu gancho recém-feito.

Não querendo ser acusada de ociosidade, vagou até as rochas e inspecionou as piscinas rochosas, depois arrancou um molusco de sua casa. Tentou pegar alguns caranguejos, mas os diabinhos eram rápidos demais.

— Aqui. — Ela estendeu o molusco para Hayworth. — Vai precisar de algo para a isca.

Seu sorriso de agradecimento fez seu estômago dar uma cambalhota. Disse a si mesma que era fome, não atração.

Caro pensou que ele tentaria pegar algo imediatamente, mas em vez disso Max colocara a vara dentro do abrigo. — Não adianta pegar um peixe até termos uma fogueira para cozinhá-lo. Não gosto de comer peixe cru. — Ele olhou para o céu. — Quando essas nuvens se moverem, podemos testar sua ideia com o relógio. Até lá, que tal seguirmos o riacho para dentro da floresta?

— Excelente plano.

Caro calçou as botas dela, e ele fez o mesmo, e juntos partiram para dentro das árvores, seguindo o fio d'água.

Uma paisagem natural começou aparecer quase imediatamente, assim foram forçados a subir bancos lamacentos e afloramentos rochosos. Raízes de árvores emaranhadas forneciam inúmeros apoios para as mãos, mas folhas molhadas e encostas escorregadias faziam o progresso ser lento.

Encontraram o lugar onde seu pequeno fluxo de água separa-se de um riacho maior e continuaram seguindo morro acima.

Em uma parte particularmente rochosa, Hayworth deu um passo para trás e ofereceu a mão a Caro. Seu coração palpitou quando a aceitou, e surpreendeu-se com a força dele enquanto a puxava para cima sem esforço. A atenção dela se prendeu na ação dos tendões em seu antebraço... ele tinha arregaçado as mangas da camisa..., mas assim que se perguntou qual seria a sensação de tocá-los, seu pé escorregou e raspou o joelho nas pedras ásperas.

— Ai! — Seu grito era tanto de aborrecimento com sua própria estupidez quanto para a dor que sentiu.

— Cuidado! — Hayworth a puxou para onde a pedras estavam niveladas.

Caro pulou em uma perna só, depois se agarrou a uma árvore próxima para se apoiar quando ele caiu de joelhos na sua frente e segurou seu tornozelo.

— Silêncio! — ele ordenou, antecipando a desaprovação dela. — Deixe-me ver.

Ele levantou um pouco a bainha do vestido sem esperar por permissão, e ela se inclinou para inspecionar os danos. Suas meias protegeram um pouco o joelho, mas um arranhão de tamanho razoável escorria sangue, manchando o algodão branco rasgado de um vermelho profundo.

Hayworth fez um som reprovador. Ela não tinha certeza se era para ser repreensivo ou simpático. Estremeceu quando ele pegou um punhado de água fria do riacho e lavou a ferida, mas o empurrou para longe assim que Max terminou suas ministrações. Ele demorou para soltar o tornozelo dela.

— Tem certeza de que não quer que eu beije para melhorar? — ele brincou.

— Estou bem, é apenas um arranhão.

Ele se levantou e olhou para ela com uma carranca. — Eu sei. Mas ainda assim precisa cuidar disso. Lave-o em água salgada quando voltarmos para a praia. A última coisa que precisamos é que a senhorita pegue uma infecção aqui sem acesso a nenhum medicamento.

Caro corou, envergonhada por seu próprio descuido, e aceitou de bom grado a dor no joelho. Merecia por ser uma idiota descuidada. Ela, mais do que ninguém, sabia que a selva, embora bonita, poderia ser mortal.

Hayworth, no entanto, parecia ter esquecido sua irritação. Virou a cabeça e levantou a mão pedindo para que ela fizesse silêncio. — Ouviu isso?

Caro franziu a testa. Ela conseguia ouvir um leve som apressado, mas presumiu que era a batida frenética de seu coração. Agora concentrada, era claramente audível acima do barulho geral da floresta.

— Parece uma cachoeira — disse ela, empolgada levantando o tom.

Hayworth pegou a mão dela. — De fato, é sim. Vamos!

Capítulo 11



Com Caro a reboque, Hayworth avançou pela selva, mantendo-se perto das margens do riacho. O som da água correndo ficou cada vez mais alto até que eles saíram da vegetação rasteira e entraram em uma clareira banhada pela luz do sol.

— Oh, meu Deus! — A boca de Caro se abriu em um suspiro de prazer.

Uma torrente de água corria do topo de um penhasco rochoso e caía pelo menos nove metros na piscina diante deles. Uma névoa fina encobria a base da queda, criando um arco-íris permanente onde o sol o pegava.

— Acha que é seguro para nadar? — Ela teve que levantar a voz para ser ouvida sobre o som da água.

— Não vejo por que não, desde que tomemos cuidado com as pedras escorregadias. — Hayworth enviou a ela um de seus sorrisos irresistíveis. Antes que Caro pudesse piscar, ele tirou as botas e as meias, depois a camisa e começou a entrar com cuidado na água.

Caro conteve um sorriso. Nunca conhecera ninguém que pudesse se despir tão rapidamente.

Partiu nadando com longas braçadas em direção à base das quedas, seus braços fortes empurrando contra a corrente, depois se virou para encará-la, pisando na água.

— O que está esperando? — ele gritou. — Prometo que não vou olhar para as suas roupas íntimas.

Para enfatizar seu ponto de vista, ele se virou para que seus ombros molhados ficassem voltados para ela.

Depois de um breve momento de indecisão, Caro decidiu ignorar o decoro. Estava desesperada para nadar, e a água parecia incrivelmente convidativa. Foi até uma árvore e removeu tudo, exceto sua chemise, e olhou para a água. As costas de Hayworth ainda estavam viradas, então caminhou cautelosamente sobre as rochas e entrou na água.

Comparado ao mar, estava um frio estimulante, e ela soltou um grito ao dar o mergulho final. Subiu para respirar, depois afundou novamente, agitando o cabelo para remover até o último grão de areia e sal.

— Isso está tão bom.

Hayworth, nadando em círculos preguiçosos pela água, sorriu com seu entusiasmo. Ela tentou nadar perto da base das cataratas, como ele, mas a força da água era tão forte que desistiu após apenas algumas braçadas, os braços doendo com o esforço.

Quando se virou o encontrou ao seu lado. A luz do sol brilhava em seu cabelo e em seus ombros musculosos, como diamantes. Gotas de água escorriam pelo nariz e se acumulavam nos cantos de sua boca.

Caro não conseguia desviar o olhar. Teve o desejo mais insano de lamber aquelas gotas dos lábios dele, de provar a água fria em sua pele quente.

Ele se aproximou. — Caro. — Sua voz era um grunhido profundo, quase um aviso.

O olhar dela se voltou para o dele. — Sim?

— Quando me olha assim...

— Sim? — ela provocou, meio em tom de brincadeira, meio aterrorizada com o que ele poderia dizer. Seu coração batia forte em seu peito, e não apenas por causa do exercício ao qual não estava acostumada.

Ele respirou fundo. — Não importa. — Um sorriso triste curvou seus lábios quando Hayworth estendeu a mão e alisou um fio de cabelo molhado de sua bochecha. — A ‘náufraga desgrenhada’ é um estilo de moda em Londres? Porque se não for, deveria ser. Combina com a senhorita.

Ela soltou um bufo e tentou se manter boiando. Ele era alto o suficiente para ficar de pé, mas os dedos dos pés dela mal tocavam o fundo da água.

— Só está dizendo isso porque não há outra mulher em toda esta ilha com quem flertar. Max Cavendish, é um canalha.

— Isso pode ser verdade, mas não altera os fatos. A senhorita é linda. Sempre achei isso.

O pulso de Caro acelerou, mas ela fingiu um divertimento leve. — E claramente o senhor teve um golpe na cabeça que está afetando seu julgamento.

Uma onda os acertou, e ela agarrou o braço dele para se firmar... então imediatamente se arrependeu quando o músculo flexionou sob seus dedos, escorregadio e impressionantemente sólido. Seu estômago deu um pulo, mas antes que pudesse se afastar da tentação, ele pegou seus ombros.

A parte superior do peito dele se ergueu acima da água, a poucos centímetros do dela. Caro olhou para baixo e percebeu que bem poderia ter removido sua roupa de baixo, pois toda a cobertura que estava fornecendo era irrelevante. O frio havia transformado seus mamilos em botões encolhidos e suas pontas escuras eram claramente visíveis através do tecido quase transparente.

Um calor escaldou suas bochechas quando percebeu que Hayworth também havia notado. Seu olhar azul-marinho a percorreu e seus dedos se apertaram em seus braços. Por um momento de extrema felicidade, pensou que iria puxá-la contra seu peito e beijá-la, mas ele se afastou tão rapidamente que causou uma grande perturbação na água ao redor.

Ela reprimiu um gemido de decepção.

— A senhorita deveria se vestir. — A voz dele estava mais grave do que ela jamais ouvira. — Vou esperar até que termine antes de sair.

Completamente perturbada, Caro assentiu. Nadou até as águas rasas e saiu, mas quando olhou para trás viu que Hayworth a estava observando, nadando com braçadas propositais para o outro lado da água.



Maldição.

Max se abaixou sob a água e soprou um fluxo de bolhas frustradas, desejando que o frio da água esfriasse seu ardor.

Realmente pensara que este lugar era o paraíso? Era o inferno. Puro inferno. E estava condenado a um estado interminável de luxúria dolorosa e ansiosa.

Ele deliberadamente *não* estava olhando para Caro, mas a imagem dela estava marcada em seu cérebro. Sua chemise estava completamente transparente pela água. Parecia uma cobertura de glacê. Seus seios perfeitos o lembravam de pãezinhos açucarados, cada um com um lindo mamilo de cereja no topo implorando por sua boca.

Deus, ele queria prová-los. Queria *prová-la*.

Ele esteve a uma fração de segundo de fazer exatamente isso. O interesse e o convite em seus olhos tinham sido inconfundíveis, e enviara um impacto de pura satisfação para o seu estômago. Mas Caro era inocente, e *não* a seduziria até ter certeza de que ela o queria tanto quanto ele a queria.

Seu membro, no entanto, não precisava mais ser convencido. Estava tão duro quanto uma barra de ferro em suas calças e não poderia deixar a água até que a maldita coisa diminuísse... o que era improvável com Caro seminua a apenas alguns passos de distância na margem.

Max mergulhou na água novamente e esfregou o cabelo vigorosamente. Quando ressurgiu, um pouco mais no controle de si mesmo, Caro estava vestida e vagando à sombra das árvores de costas para lhe dar privacidade.

Com um suspiro de resignação, saiu da água, secou-se o melhor que pôde com a camisa e a vestiu, junto com suas meias e botas. Se ele estivesse sozinho, teria nadado nu... e não estaria agora selado dentro de suas calças molhadas com água escorrendo em suas botas. Enviou um pedido de desculpas silencioso para seu sapateiro, Hobby, em Londres, que teria uma apoplexia ao ver suas melhores... e mais caras... criações em um estado tão lamentável.

Dando a Caro um amplo espaço, ele começou a descer a trilha. — Vamos voltar para a praia.

Eles caminharam em silêncio, com Max extremamente ciente dela atrás dele, quando de repente a ouviu parar.

— Max.

Ele se virou. Foi a primeira vez que ela usou seu nome. — Qual é o problema?

— Fique quieto e não se assuste.

Ele franziu a testa. — O que quer dizer com ‘não se assuste’. Esse é precisamente o tipo de coisa que alguém diz quando a outra pessoa deveria ficar *muito assustada*.

Seus lábios se curvaram em um sorriso fácil. — Tem uma aranha nas suas costas, só isso.

Ele congelou, suprimindo a vontade de olhar por cima do ombro ou de

começar a esfregar as mãos pelo corpo para se livrar da coisa. — Que tipo de aranha? Uma das grandes? Tire de mim!

Ela agarrou o antebraço dele e o virou lentamente. — É apenas uma aranha pequena. Aqui, deixe comigo.

Ele reprimiu um arrepio instintivo ao sentir um movimento nas costas. Esperava por Deus que fossem as mãos dela.

— Pronto!

O tom confiante dela baixou um pouco a pulsação dele, mas voltou a subir quando a descobriu segurando a maior aranha que já tinha visto em sua vida em suas próprias mãos.

Max deu um passo involuntário para trás. — Maldição, mulher! Mate essa coisa!

Ela lhe deu um olhar risonho e inclinou a cabeça para se dirigir à aranha.

— Oh, não o escute — ela murmurou, como se faz com um cão de colo ou uma criança pequena. — Ele é apenas rabugento. Você é um sujeito tão bonito, não é?

Max começou a suar frio. — Jogue isso no chão! A senhorita está louca?

Caro riu... riu de verdade. A garota estava louca.

Ela elevou a monstruosidade até o nível dos olhos. — Isto é uma tarântula. Bastante doce, embora um pouco peluda. Tive uma como animal de estimação no Brasil. Seu nome era Timothy. Fiquei muito triste por abandoná-lo.

Max lutou contra a necessidade de tirá-lo da mão e correr gritando para a floresta. — A senhorita *não* vai manter essa coisa como animal de estimação. Eu proíbo.

Com um sorriso, ela estendeu a mão para perto de um galho e a criatura assustadora saiu lentamente de sua mão e subiu ali.

Ele soltou um bufo aliviado. — A senhorita não deveria se arriscar tanto. E se esse bicho a tivesse mordido?

— As tarântulas geralmente não são agressivas e raramente mordem. Mas mesmo se ela tivesse me mordido, eu teria ficado bem. Já foi picado por uma abelha? É o que parece.

Max sentiu seu queixo cair. — Já foi mordida por uma *antes*?

— Apenas uma vez. Timmy não queria compartilhar seu rato. — Ela observou com óbvio fascínio enquanto o espécime recém-libertado subia na árvore. — Timmy tinha uma linda cor azul, mas esta, o senhor vê, é preta e marrom.

— Achei que sua família estudasse borboletas — disse ele com voz rouca. — Borboletas são bonitas e inofensivas.

— Nós estudamos. Ao menos, meu pai estuda, e todos nós o ajudamos. Mas não se pode andar três metros em uma selva sem encontrar coisas que não sejam somente borboletas.

Max balançou a cabeça, recusando-se a pensar em tudo que *não fossem* “borboletas” e que poderiam estar perto dele naquele exato momento. *Querido Deus.*

— Obrigado por removê-la — disse ele rigidamente.
Caro lhe enviou um sorriso beatífico. — De nada.

Capítulo 12



Caro reprimiu a risada com a reação de Max à aranha enquanto voltavam para a praia. Por alguma razão, saber que o homem que liderou suas tropas para a batalha, que enfrentou o horror do exército de Napoleão sem pestanejar tinha medo de aranhas, era incrivelmente cativante.

Talvez sentindo que sua aura masculina de invencibilidade havia sido manchada, ele caminhou até o abrigo quando chegaram à praia, pegou sua vara de pescar e faca e partiu em direção ao promontório com um som gutural ao expressar sua intenção de “pegar nosso jantar”.

Caro soltou uma risadinha. Na verdade, sua admiração por ele só aumentara. A tarântula era muito maior do que qualquer coisa que ele já vira anteriormente na Inglaterra, e ficou satisfeita por ele ter obedecido ao seu comando de ficar parado, em vez de se debater e tentar tirá-la sozinho.

Só esperava que sua demonstração desagradável de afeto por uma criatura de oito patas não tivesse diminuído seu valor aos olhos dele. Era perfeitamente aceitável que uma dama gostasse de gatinhos ou filhotes de cachorro, mas o interesse por aracnídeos era bem menos comum.

Ela penteou os cabelos úmidos com os dedos na tentativa de desfazer alguns nós, e quando o sol rompeu as nuvens, seu humor melhorou. Foi até o casaco de Max e tirou o relógio do bolso dele, depois juntou palha seca em boa quantidade para acender o fogo.

De pernas cruzadas, dirigiu o círculo brilhante de luz refletida para uma pilha de casca de coco e observou com entusiasmo quando uma mancha escura apareceu. A área chamuscada começou a produzir fumaça, assim empilhou mais grama seca em cima dela, soprando cuidadosamente. A chama de luz repentina apareceu como um pequeno milagre.

— Sim!

Tomando cuidado para não apagar a chama, acrescentou galhos maiores e, quando teve certeza de que era o suficiente, recostou-se com um suspiro de satisfação.

Um olhar para a praia mostrou que Max estava de costas para ela, jogando seu anzol de pesca improvisado nas águas rasas. Com um empurrão repentino, puxou o braço para trás e um peixe prateado apareceu das ondas brilhantes. Ele quase perdeu o equilíbrio tentando colocar a coisa sobre as rochas, mas finalmente conseguiu, e seu grito de triunfo ecoou pela baía.

Ele se endireitou, com o peixe na mão, e o ergueu para mostrar a ela... e foi então que notou a fumaça e o fogo que Caro fizera.

Ela sorriu e acenou, e ele fez o mesmo, saltando atleticamente das rochas e correndo de volta ao longo da areia.

— A senhorita fez uma fogueira! — Seu rosto avermelhado pelo sol estava

envolto em um sorriso. — Sua coisa maravilhosa!

— E o senhor pegou nosso jantar — ela rebateu, acenando com a cabeça para o peixe em sua mão.

— Sim. Não tenho ideia do que seja, mas nos poupa de comer apenas manga.

Ele voltou para a água e limpou o peixe rapidamente, enquanto Caro colocava mais lenha na fogueira até que o fogo ficasse constante. Quando ele voltou, sentou-se na areia ao lado dela e levou as mãos em direção às chamas com um suspiro satisfeito.

— Isso é excelente. Jantaremos como reis esta noite.

Caro parou imediatamente quando um pensamento repentino ocorreu a ela.

— Espere, que dia é hoje?

Ele deu de ombros. — Não me pergunte.

— Saímos de Madagascar no dia vinte e um de dezembro, e a tempestade foi na noite do dia vinte e dois. O que significa que acordamos na praia aqui ontem, dia vinte e três...

— ...o que faz de hoje a véspera de Natal! — ele completou. — Amanhã é Natal.

— Estamos perdendo o Natal!

— Não vamos perder o Natal. — Ele sorriu. — Vamos apenas celebrá-lo em outro lugar, só isso. Em um lugar interessante. O que estaria fazendo normalmente? Se estivesse na Inglaterra, é claro. Estaria cantando canções de Natal? Decorando a casa? — Seus olhos brilharam. — Estaria pendurando um ramo de visco sobre o batente da porta, esperando por um beijo?

Max olhou para cima, como se esperasse que um galho semelhante estivesse suspenso acima de suas cabeças, mas havia apenas a treliça verde de folhas de palmeira balançando. Ele fez um beicinho desapontado.

— Costumamos passar o Natal com a família, se estivermos na Inglaterra.

— Caro disse. — Especialmente os primos. Estivemos ausentes com tanta frequência que é adorável quando todos conseguimos nos reunir.

— Conheço seus primos. Tristan e eu estávamos na universidade juntos.

— Senti muito por perder o casamento dele. Mas meu pai insistiu em ir para o Brasil. Quem imaginaria que um Montgomery se apaixonaria por uma Davies? Primeiro Maddie se casou com Gryff e depois Tristan se casou com Carys. — Ela franziu a testa. — Espere, o senhor foi convidado para o casamento deles, tenho certeza disso. Não se lembra?

Se ele pudesse se lembrar do casamento de Tristan, alguns meses atrás, então certamente se lembraria de comparecer como um duque, e não como um cavaleiro?

— Ainda estou um pouco confuso sobre a Inglaterra.

Ele balançou a cabeça. — Desculpe.

Caro deu um suspiro silencioso de alívio. Sua mentira estava segura... por enquanto.

O peixe, o que quer que fosse, acabou sendo delicioso, e eles comeram com

água fresca e manga.

Por acordo tácito, transformaram o fogo em uma chama intensa. Max retirou um galho comprido das brasas e, juntos, carregaram-no sobre as rochas e para a praia adjacente. Vários dos passageiros do *Ártemis* podiam ser vistos do outro lado do estreito, e Max acenou com a tocha fumegante em sua direção.

Dois deles acenaram de volta, e Caro desejou que fosse seu pai, ou talvez sua mãe. Pelo menos saberiam que ela e Hayworth não haviam se matado. Ainda.

O sol se pôs enquanto voltavam para o acampamento, e Caro soltou um bocejo de quebrar o queixo. Max esbarrou no ombro dela, como um gesto de camaradagem.

— Vai dormir cedo hoje, dorminhoca. — Ele apontou para o abrigo. — Entre. Vou ficar acordado por um tempo e garantir que o fogo não se apague.

Caro não se deu ao trabalho de discutir. Enquanto o sol mergulhava além do horizonte em uma exibição extravagante de rosa, salmão e lavanda, ela se arrastou sob as folhas. A luz do fogo era extraordinariamente reconfortante. As chamas faziam sombras na areia, e ela cochilou, ainda ouvindo Max se mover ao redor da clareira e adicionar madeira ao fogo.

— Boa noite, Caro.

A voz baixa de Max percorreu seu cérebro confuso, e ela conseguiu murmurar de volta: — Boa noite, Max.

Seu último pensamento, ao adormecer, fora: quando começara a pensar nele como Max, e não Hayworth?

Capítulo 13



Max já estava de pé e pescando quando Caro acordou. Ela não se lembrava dele dormindo ao seu lado. Ficara acordado a noite toda mantendo o fogo aceso? Decidira renunciar completamente ao abrigo e dormir em outro lugar? A ideia de dormir ao lado dela era tão desagradável? *Ela não roncava, roncava? Ou estava fedendo?*

De maneira discreta, puxou a gola de sua chemise e cheirou.

Ela afastou os pensamentos deprimentes enquanto jogava água no rosto e trançava o cabelo. Este poderia ser o dia de Natal mais inesperado que ela já passara, mas contribuiria com sua parte para a recompensa do dia.

Juntou algumas mangas e voltou para a praia. Entrando na parte rasa e turquesa, rearranjou várias pequenas rochas em forma de V que se afunilaram em uma piscina de rocha rasa. Então se movimentou na água, tentando reunir cardumes de peixes em sua armadilha, como o cachorro de um fazendeiro pode conduzir um rebanho de ovelhas.

Foram necessárias inúmeras tentativas... o peixe presumivelmente sendo mais inteligente do que as ovelhas..., mas eventualmente seis pequenos peixes azuis prateados correram para a piscina. Ela rapidamente fechou a saída com uma pedra, depois usou suas anáguas como uma rede rudimentar para pegá-los.

Quando voltou, estava ofegante, molhada, porém vitoriosa. Max estava cozinhando algo sobre o fogo. Ele apertou os olhos contra a luz do sol ao vê-la, e o coração de Caro deu um pequeno baque ao vislumbrar sua aparência de pirata maltrapilho. Mesmo sem dormir decentemente e com a barba por fazer, o homem estava irritantemente atraente.

— O que tem aí?

— Mais peixe. E mangas.

— Peguei uma lagosta entre as rochas. — Ele gesticulou para o crustáceo suspenso em uma vara sobre o fogo. — Não exatamente o que imaginei que comeríamos no jantar de Natal, mas não importa. Vamos fingir que estamos na Inglaterra, na sua casa, sem poupar despesas. O que estaríamos comendo?

Caro sorriu com sua tentativa de permanecer positivo. — Bem, suponho que teríamos rosbife ou pato assado. Batatas assadas, cenouras, ervilhas e pastinaca. E molho, é claro.

— Hmm. — Max estalou os lábios em apreciação e ergueu uma casca de coco cheia de água. — E, presumivelmente, um pouco de vinho da adega. — Ele tomou um gole, depois passou para ela. — Uma excelente safra.

Caro sentou-se ao lado dele perto do fogo e provou o “vinho”.

— O que teria para a sobremesa? — ele insistiu.

— Ah, bem, seria pudim de Natal.

— Que acende com conhaque?
— É claro. E coberto com creme, ou manteiga de conhaque, ou creme inglês.

— Eu comeria todos os três — disse ele solenemente.

— E se ainda tivesse espaço depois disso, então suponho que teríamos algumas tortas de frutas secas e um xerez.

— Eu me sinto cheio só de pensar nisso. — Ele olhou de lado para ela, e a risada permaneceu em seus olhos enquanto levantava a mão e deslizava o dedo pela ponte do nariz e pela bochecha dela.

— A senhorita pegou sol — ele murmurou. — Está toda vermelha.

Ela corou ainda mais com o toque inesperado dele, certa de que devia estar da mesma cor da lagosta. Seu estômago deu uma cambalhota, mas tentou afastar seu nervosismo com uma piada.

— Oh, que vergonha! Perderei todos os meus convites para o Almacks.

Ele se inclinou conspiratoriamente. — Vou garantir que consiga entrar.

Caro paralisou. Ele percebera o que acabara de dizer? Um mero cavaliariço não teria qualquer influência com patronas como Lady Jersey. Tal confiança só poderia vir do Duque de Hayworth.

Ela se lembrava de quem era?

Ela fitou-o com desconfiança, mas o olhar atento em seu rosto a distraiu. Ele não havia abaixado a mão. Em vez disso, a levou até a sua nuca.

Caro respirou fundo. Os olhos dele apontaram para seus lábios, e tudo dentro dela ficou tenso em uma antecipação perversa.

— Toda essa conversa sobre pudim me faz desejar algo doce — ele murmurou. — Sabe o que seria doce?

Ela conseguiu dar um leve aceno de cabeça.

— Um beijo seu.

Não conseguia formular uma resposta, perdera a capacidade de pensar.

— Vamos apenas fingir que estamos sob um ramo de visco — disse ele roucamente.

E então a beijou.

Por um segundo inteiro, Caro ficou tão surpresa que não se mexeu. E então se derreteu contra ele como uma vela muito próxima do fogo. Sonhara em beijá-lo por anos, mas a realidade era muito melhor do que ela jamais imaginara.

Seus lábios estavam firmes e um pouco ásperos. Caro o beijou de volta, inexperiente, e quando a língua dele deslizou entre seus lábios para se emaranhar com a dela, deu um suspiro de prazer. Fechou os olhos, afogando-se no gosto, na sensação dele. Experimentalmente, girou a própria língua contra a dele, e Max gemeu profundamente. Os dedos dele se apertaram por um momento contra a nuca dela, e depois Max recuou.

Ela o olhou, ofegante e sem fôlego.

— Feliz Natal — ele murmurou.

— Feliz Natal.

Ele soltou a cabeça dela e voltou sua atenção para o fogo, como se a terra não tivesse simplesmente mudado de eixo.

Caro puxou os joelhos até o peito e observou cegamente as chamas. Todo o seu corpo estava formigando e apertou os lábios para se impedir de implorar para que ele a beijasse de novo. E de novo. E de novo.

— Ah, quase esqueci. — Max alcançou atrás dele, no abrigo. — Arranjei um presente para a senhorita.

Caro arqueou as sobrancelhas. Ele pegou o pulso dela e pressionou algo na palma da sua mão. — É apenas uma pedra com um buraco. Pensei que pudesse colocá-la em um colar ou algo assim.

Um rubor rosa subiu em suas maçãs do rosto e Caro chegou à deliciosa conclusão de que ele estava corando.

— Obrigada. — Ela disse solenemente. Fechou os dedos ao redor da pedra, tão satisfeita como se ele a tivesse presenteado com um diamante do tamanho de um ovo de tordo. — Sinto muito, não tenho nada para o senhor.

— Está tudo bem.

O silêncio reinou enquanto compartilhavam a lagosta, mas os pensamentos de Caro continuavam voltando ao beijo.

— No que está pensando?

Ela pulou com a pergunta dele e procurou um assunto totalmente diferente.

— Sabe, prometi aos meus pais que, quando voltássemos para a Inglaterra, começaria a considerar seriamente meus pretendentes.

Suas sobrancelhas se levantaram.

— Mas agora — continuou ela — mesmo que por algum milagre sejamos resgatados, duvido que terei algum pretendente a considerar. Quem vai acreditar que ainda sou inocente quando fiquei aqui sozinha com o senhor todo esse tempo? Ficarei completamente manchada.

— A senhorita não parece particularmente angustiada com a perspectiva.

— Ele observou com cuidado.

— Bem, com toda a honestidade, não estou. Não é como se eu já tivesse conhecido um cavalheiro com quem quisesse me casar.

Caro evitou os olhos dele enquanto soltava aquela mentira vergonhosa. O único homem com quem secretamente sonhava em se casar estava sentado ao lado dela na areia.

Não que ele precisasse saber aquela informação mortificante.

Max esfregou a barba em seu queixo e pareceu pensativo. — Hmm. É verdade, receio. Sua reputação já pode estar além do reparo. As pessoas adoram fofocar e sempre pensam o pior. Se a pessoa é inocente ou não, é em grande parte irrelevante. Nunca acreditarão que um homem e uma mulher poderiam passar tanto tempo juntos em tais circunstâncias e não serem... íntimos.

Seus olhos azuis pegaram os dela e seguraram. — Há realmente apenas uma coisa que a senhorita pode fazer. — Sua expressão estava perfeitamente séria.

— E o que é?

— Seduza-me e aproveite o melhor possível. — A risada voltou aos olhos dele. — Se a senhorita vai ser punida por algo, pode muito bem ser culpada de algo mais sério.

Caro deu um suspiro sufocado. — Está me fazendo uma proposta?

— É claro que não. Isso seria altamente inapropriado. Sou um pobretão e a senhorita é uma dama. Estou sugerindo que a *senhorita* me faça uma proposta.

Ele enviou a ela um olhar divertido que também conseguiu fazer seu coração bater mais rápido no peito, mesmo sabendo que não estava falando sério. — Prometo ser uma conquista fácil. A senhorita pode se aproveitar de mim e não vou resistir a nada.

Caro o golpeou no braço por sua provocação e decidiu que era hora de confessar sua verdadeira posição na vida.

— O senhor na verdade não é um...

— ...canalha? — ele interrompeu, antes que ela pudesse terminar. — Eu discordo. Estou tendo pensamentos nada cavalheirescos sobre todas as maneiras com as quais a senhorita pode manchar minha reputação.

Ela balançou a cabeça, lisonjeada e um pouco escandalizada.

— O senhor é ridículo. Aposto que diria essas mesmas coisas para qualquer mulher com quem estivesse preso aqui, fosse uma duquesa ou uma leiteira.

Ele colocou a mão sobre o coração dramatizando um gesto de dor. — Estou ferido, milady.

Com uma risada para cobrir seu pulso acelerado, ela se levantou e removeu a areia das saias. — Vou nadar na cachoeira.

Max aceitou sua retirada, entendendo perfeitamente as verdadeiras intenções de seu recuo, sabia que ela estava fugindo. Pegou o relógio de bolso de onde repousava em um pedaço de madeira, abriu a tampa e olhou para o mostrador.

— Se não voltar em uma hora, presumirei que foi comida por tarântulas e iniciarei uma busca.

— O senhor enfrentaria esses monstros para vir me procurar?

Seus lábios se curvaram, mas sua expressão estava de alguma forma séria.

— Se achasse que a senhorita mostraria seu apreço de uma maneira adequadamente entusiasmada... — seus olhos nos lábios dela não deixaram dúvidas de que ele estava falando sobre beijo. — Então sim. Acho que enfrentaria qualquer coisa.

Perturbada mais uma vez, Caro saiu.

Enquanto caminhava pela floresta em direção à cachoeira, tentou se lembrar de todas as razões pelas quais não deveria estar flertando com Maximillian Cavendish, mas suas palavras provocadoras continuavam dançando em sua cabeça.

Ele estava certo. Ela *seria* julgada quando voltasse para a Inglaterra. Rumores voariam, e quanto mais ela e sua família tentassem protestar sua inocência, mais as pessoas suspeitariam do pior.

Se essa escapada realmente a tornara inapropriada para o matrimônio, então por que *não* deveria satisfazer sua curiosidade sobre fazer amor? O destino a deixara presa com o único homem que já desejara, e ele parecia perfeitamente disposto a seduzi-la, ou a se permitir ser seduzido.

Se estava condenada a uma vida de solteirice pelo resto de seus dias, por que não aproveitar essa chance de experimentar a verdadeira paixão, apenas uma vez?

Capítulo 14



— Mulher maldita.

Max subiu a colina em direção à cachoeira, murmurando baixinho. Ela esteve ausente por muito mais tempo do que a hora prevista, e o coração dele batia forte enquanto alternava entre frustração e preocupação.

E se ela tivesse sofrido um acidente? E se tivesse escorregado nas pedras e quebrado o tornozelo ou o pescoço?

Ele aumentou o ritmo, as coxas queimando enquanto passava pelas árvores e irrompia na clareira, preparado para resgatá-la ou repreendê-la por preocupá-lo desnecessariamente.

Suas palavras morreram em seus lábios.

Caro ainda estava na água.

Nua.

Max tinha certeza de que seu coração parara de bater antes de voltar à vida com toda a força.

Examinou a pilha de tecido branco a seus pés... sim, sua chemise estava definitivamente lá, junto com suas anáguas e o vestido... então olhou de volta para o vislumbre inegável de pele pálida sob a água ondulante.

Seu cérebro ficou um pouco confuso.

Anos de conduta cavalheiresca arraigada o incitaram a se virar, imediatamente, e dar a ela um pouco de privacidade.

Anos desejando a maldita mulher o fizeram ficar exatamente onde estava.

Caro se virou na água e o viu, e ele se preparou para gritos de indignação esperados de uma donzela, mas em vez disso ela se aproximou dele com braçadas lentas e deliberadas.

Era totalmente incapaz de desviar o olhar. Tinha visto inúmeras mulheres nuas, mas nunca *ela*, e seu olhar foi direto para seus membros pálidos, a água se movendo sobre ela, alternadamente escondendo e revelando as partes de seu corpo, de uma maneira insinuante.

Caro encontrou seus olhos quando alcançou a parte mais rasa da água, e ele experimentou um golpe no estômago que seu olhar direto sempre lhe dava. Ele abriu a boca para se desculpar, mas antes que pudesse dizer uma palavra, os lábios dela se curvaram em um sorriso diabólico.

— O senhor deveria entrar — disse ela suavemente.

Ele tossiu para limpar a garganta. — Isso ... provavelmente não é uma boa ideia.

Ela inclinou a cabeça, como se estivesse considerando. — Não contarei a ninguém se o senhor não contar.

A nota impertinente e provocadora em sua voz o fez ofegar em descrença. Seu sangue transformado em um rugido abafado nos ouvidos, seu membro

duro nas calças.

— A senhorita ficou fora mais de uma hora — ele rosnou, tentando parecer rigoroso.

— Eu sei.

Nem mesmo um pedido de desculpas, maldita seja, por preocupá-lo.

Ela ergueu a mão, lhe acenando como uma sereia e, como os pobres marinheiros da Odisseia, ele não conseguiu resistir. Quase em transe, tirou as botas e a camisa e começou avançar para a água ainda com as calças, depois parou quando ela balançou a cabeça negativamente e apontou o queixo em direção às calças.

— Tire-as, Cavendish. Não é hora de agir como uma donzela. Não pode correr o risco de pegar um resfriado ou ficar doente, não é mesmo?

O sangue dele subiu com a repetição zombeteira de suas próprias palavras.

Mulher atrevida. Que jogo estava fazendo? Achava que ele seria imune à nudez dela? Isso era alguma maneira ridícula e equivocada de provar a si mesma que ele realmente não a desejava? Se assim fosse, ela teria uma descoberta desagradável. Nunca quisera mais alguém em sua vida do que ela.

Max enviou a ela um olhar provocador, um aviso para não brincar com fogo, e descansou uma mão causalmente no botão superior de suas calças.

— A senhorita quer que eu tire isso?

— Sim.

Ele fez uma última tentativa desesperada de fazê-la ver a razão. Ela não era completamente inocente. Tinha que saber o que ela estava convidando, o que estava arriscando.

— Já viu um homem nu, Caro?

Um rubor delicado manchou suas bochechas, mas segurou o olhar dele.

— Um homem nu *e* excitado? — ele pressionou. Seus olhos se arregalaram, mas ela não recuou.

— Não, mas eu quero.

Seu coração deu outro pulo.

Ele não deveria. Ele absolutamente...

Ela se levantou.

A água estava apenas na altura da cintura. Ela emergiu, molhada e reluzente: ombros, seios, a curva pecaminosa de sua cintura.

Oh, Deus. Era perfeita. A pele pálida e cremosa, os seios com pontas rosadas, as gotículas de água deslizando sobre ela como pequenas pérolas.

Talvez realmente tivesse morrido e ido para o céu. Talvez tivesse sido mordido por alguma cobra hedionda ou aranha terrível e estivesse mesmo, neste instante, alucinando com essa provocação majestosamente executada e deliberada.

Ela não levantou as mãos para cobrir os seios. Em vez disso, ficou lá, permitindo que ele olhasse o quanto quisesse.

— Caro. — Ele grunhiu, desesperado.

A boca dela se curvou. — Eu o estou seduzindo, Cavendish. Caso não

tenha notado.

— Acredite em mim, eu notei. O que estou me perguntando é por quê?

— Por que não? — ela rebateu. — A ideia foi sua. E, além disso, ninguém precisa saber.

Havia desafio em seu tom, provocando-o a discordar, e um lampejo de aborrecimento o inflamou. Não queria ser seu experimento secreto, um caso amoroso sem nome que ela pudesse esquecer assim que fossem resgatados.

Ele queria um para sempre.

Mas seus pensamentos se dispersaram quando ela se afundou na água se afastando, seus dedos desabotoaram suas calças sem consultar seu cérebro. Abaixou o tecido até as coxas, chutou-as para o lado e mergulhou na água.

O frio revigorante não fez nada para esfriar seu ardor. Quando ressurgiu, Caro se jogou nele e Max quase afundou novamente com a sensação de seu corpo nu pressionado contra o seu.

Os braços dela deslizaram ao redor de seu pescoço, os bicos endurecidos de seus seios esmagados contra o peito dele, Max gemeu alto com o prazer.

Ele estava perdido.

Foi a sensação mais natural do mundo envolver os seus braços ao redor dela, estimular as pernas de Caro em volta de sua cintura, usando a fluatuabilidade da água para o máximo efeito.

Deus, a sensação de pele escorregadia sobre pele foi quase a sua ruína.

Sua ereção estava presa entre eles, pressionada contra seu estômago e, tomado por uma paixão intensa, pegou a parte de trás de sua cabeça e a puxou para um beijo capaz de roubar a alma.

Isso não era nada como a exploração lenta e vagarosa de antes. Este beijo era de boca aberta e faminta, quente e molhado. Ela gemeu em sua boca enquanto ele a devorava, sem segurar nada, mostrando-lhe toda a força de sua necessidade.

Isso deveria tê-la assustado. Deveria tê-la feito recuar alarmada. Mas Caroline Montgomery nunca fazia o esperado. Ela agarrou o cabelo molhado dele na parte da nuca e puxou para mais perto, beijando-o de volta como se sua vida dependesse disso.

Deus, ela aprendia rápido. Cada vez que ele inclinava a cabeça para sentir um gosto melhor, ela inclinava a dela na direção oposta, fundindo-as, dando mais. Pegando tudo.

Incapaz de se segurar, traçou a mão pela curva das costas dela e segurou seu traseiro, apertando a carne arredondada até que ela estivesse se contorcendo contra ele.

— Deus, Caro. Deixe-me lhe dar prazer. Por favor. — Ele ofegou contra o pescoço dela.

Ela deu beijos frenéticos ao longo de sua mandíbula, depois se recostou em seus braços. — Sim.

Seu coração bateu forte aliviado.

— Aqui não. — Max conseguiu dizer. Ele se aproximou da parte mais rasa,

e ela se agarrou a seu corpo como uma estrela do mar. Ele a carregou da água, mal chegando à pilha de roupas descartadas antes de abaixá-la no chão e pressioná-la embaixo dele para outro beijo entorpecedor.

Mal conseguindo acreditar no que estava acontecendo, ele beijou seu pescoço, depois lambeu as gotículas de água de sua pele enquanto ia para a parte de baixo de seu corpo. A mão dele massageou o seio esquerdo dela enquanto a boca encontrava o direito, ele saboreou o pequeno suspiro sufocado que escapou dela enquanto girava a língua em torno do mamilo pontiagudo.

— Max!

Ele abriu a boca e tomou mais dela, seus sentidos se perdendo com o gosto. Doce e limpo, como a água. Vivo, como a luz do sol.

Ela agarrou a nuca dele, puxando-o para mais perto com um apelo sem palavras. Ele riu. — Gosta disso, Caro?

— Oh, sim!

Seu corpo inteiro estava em chamas, desesperado por ela, mas não podia esquecer de que era virgem. Ele teve que desacelerar, para que fosse bom para ela. Acariciou suas curvas atraentes, moldando suas costelas, sua cintura, suas coxas. Respirando súplicas e elogios contra sua pele.

— É linda, Caro.

Deslizou a mão sobre o estômago dela e depois para baixo, no triângulo macio de pelos. Caro ficou tensa por um momento, por isso esperou que ela o afastasse, mas em vez disso arqueou as costas e o puxou para mais perto ainda. Ele a beijou, longos beijos entorpecentes, enquanto seus dedos deslizavam entre suas pernas para brincar com seus lábios íntimos. Ela estava escorregadia e sedosa de sua própria excitação, e o coração dele martelou em seu peito com a prova de seu desejo.

Ela o queria. *Finalmente.*

Enfiou um dedo em seu interior, só um pouco, e ela arfou, depois se contorceu debaixo dele. Entrando e saindo, lentamente, mostrando-lhe o caminho. Girou o polegar sobre o botão pequeno e duro no topo de seu sexo, provocando-a impiedosamente, e ela gritou arqueando-se contra ele. As mãos dela percorriam a pele dele, agarrando seus ombros, suas costas, seus braços, mas ele estava muito decidido a levá-la ao seu primeiro clímax para saborear totalmente seu toque.

A respiração de Caro ficou presa e ele acelerou os movimentos, entrando mais fundo, amando os pequenos sons de prazer que escapavam dela. Ela estava fingindo que ele era um cavaliário? Ou era o duque de Hayworth, quem a estava seduzindo? Não importava. Era Max e Caro, e queria fazer isso com ela há muito tempo.

Ela estava quente e escorregadia, seus músculos internos se agarrando a ele e, por uma fração de segundo, Max considerou retirar a mão e deslizar seu membro dentro dela.

Não. Esse não era o momento. Também não podia arriscar que ela engravidasse.

Max reivindicou sua boca, empurrando a língua em um contraponto perverso ao movimento de sua mão, e ela se moveu impulsivamente contra ele.

— Deixe acontecer, querida. — Ele sussurrou contra os lábios dela. — Vá atrás dele.

— Oh!

Ele sentiu o clímax dela com uma onda de satisfação primitiva. Seu corpo apertou os dedos dele enquanto ela se arqueava, cavalgando as ondas de prazer com um grito que ecoou ao redor da clareira e fez pássaros voarem das árvores.

Quando acabou, ela simplesmente colapsou. Seus braços caíram nas laterais de seu corpo, seus membros ficaram relaxados, e por um momento ele temeu que Caro tivesse desmaiado. Então ela soltou um suspiro de pura felicidade e aninhou a cabeça sob o queixo dele.

— Meu Deus, não é de admirar que ninguém conte às jovens sobre isso. — Ela falou em tom de admiração. — Não restaria uma virgem na Inglaterra se soubessem como é maravilhoso ser arruinada.

Max se apoiou nos cotovelos e sorriu para ela. O rosto dela estava corado, a pele ligeiramente úmida e o coração dele deu uma reviravolta engraçada dentro do peito.

Seu membro ainda latejava em uma urgência dolorosa, enquanto ele afastava o cabelo dela de seu rosto com uma mão gentil, perguntando: — Gostou?

Ela deu-lhe um olhar incrédulo e risonho. — Mais do que gostei. Foi surpreendente. Obrigada.

Ele reprimiu um sorriso com a seriedade dela. — *Obrigado*. — Max ecoou solenemente. — Fazemos o nosso melhor para ajudar uma donzela em perigo. Claramente a senhorita estava se afogando e precisando ser resgatada.

Seu olhar claro encontrou o dele quando ela se virou de lado para encará-lo. — Mas e o senhor? — A mão dela acariciou seu ombro, depois se arrastou com sedutora casualidade sobre seu peito. Ela achatou a palma da mão diretamente sobre o coração dele que batia forte. Não havia chance de que ela não fosse capaz de sentir isso.

— O que tem eu? — ele perguntou devagar.

Ela mordeu o lábio e respirou fundo como se estivesse se preparando, depois deslizou a mão pelas cristas musculosas do abdômen dele e pela linha de pelos que passava do umbigo até a virilha.

— Acho que também precisa ser resgatado. Mostre-me o que fazer.

Capítulo 15



Max agarrou o pulso de Caro para desacelerar sua exploração mais abaixo.

— Não precisa fazer isso. Estou bem.

Seus olhos brilharam quando ela deslizou um olhar astuto e francamente curioso entre seus corpos. — Não parece bem, — disse ela com uma risada que fez os dedos dos pés dele se contorcerem. — Parece... desconfortável. *Inchado*, até.

— Vai diminuir — ele rosnou. — Apenas...

Ele sibilou e parou, sua mente de repente em branco quando ela deslizou as mãos em volta de seu membro e apertou suavemente.

— Oh, minha nossa — ela respirou maravilhada. — Dói?

Max rangeou os dentes contra o desejo ofuscante de estocar a mão dela. — Não, mas...

Ela abriu os dedos e o acariciou, e seu toque foi tão poderoso que pareceu disparar rapidamente seu efeito por todo o seu corpo como um relâmpago.

— Mostre-me como agradá-lo. É justo.

Com um gemido, Max cedeu. Olhando profundamente em seus olhos, ele alcançou a mão dela e mostrou-lhe como segurá-lo. Ele passou os próprios dedos em volta dos dela e observou seus olhos se arregalarem enquanto ela captava o ritmo.

Não demorou muito. O cheiro dela preenchendo seu nariz, o toque suave de sua mão ... aquela combinação foi a sua ruína. Depois de apenas alguns golpes, os músculos do estômago dele ficaram tensos e, com um grito abafado, estocou a mão dela, derramando-se em seu estômago.

Ela não parecia estar enojada. O observou com uma espécie de interesse fascinado, e ele percebeu com um pouco de humor que era o mesmo olhar que dera àquela maldita tarântula, admiração misturada com respeito.

Com uma risada, ele rolou e se sentou, depois se lavou na água. Quando voltou, ela se cobrira com o vestido e ele reprimiu um bufo desapontado.

— Poderia ter ficado nua, não há mais ninguém para ver.

Suas bochechas estavam ficando rosadas, e ele se perguntou se ela estava envergonhada ou, pior, arrependida do que tinham acabado de fazer, mas então Caro lhe enviou um sorriso atrevido.

— É verdade, mas não é muito prático se encontrarmos uma serpente de verdade. — Ela lançou um olhar significativo para a virilha dele. — Ou outra aranha.

Max vestiu as calças sorrindo. — Está certa. Queimaduras solares também podem ser um problema. Melhor colocar as roupas, então.



Caro teve que se forçar a desviar o olhar da perfeição dourada e musculosa

do corpo de Max. Um corpo que acabara de apresentá-la a um incrível novo mundo de prazer.

Mesmo que ela estivesse vestida novamente, se sentia nua, despida pelas coisas surpreendentemente íntimas que acabaram de fazer.

Disse a si mesma que não havia necessidade de ficar envergonhada. Afinal, ela era uma cientista. Trataria a última meia hora como um experimento físico interessante. Ela poderia ser segura, madura, sofisticada. Como suas amantes anteriores.

Enquanto Max vestia a camisa e colocava as botas, Caro colocou o resto de suas roupas e o seguiu colina abaixo, apreciando silenciosamente a largura de seus ombros e as belas curvas de seu traseiro.

Ela o tocara há poucos minutos. Já parecia irreal, como um sonho febril, e ainda assim cada passo que dava a tornava consciente da nova sensibilidade de sua pele, a chemise de algodão roçando seus seios, a dor inesperada entre suas coxas.

Ela cometera um erro ao permitir que Max a tocasse. Em vez de satisfazer sua curiosidade sobre fazer amor, como esperava, fez exatamente o oposto.

Ela queria mais.

Havia mais também. Ela esteve perto de animais de fazenda por tempo suficiente para saber que o macho colocava seu membro *dentro* da fêmea. Ela pressionou a mão no espaço entre os seios e tentou ignorar a dor que latejava sob sua pele. Qual seria a sensação?

Caro arrancou os olhos dos cachos tentadores na parte de trás da cabeça de Max e voltou sua atenção para a floresta verdejante.

— Max, espere.

Ele parou imediatamente. — Oh, por Deus, não. Não me diga que é outra aranha. Porque se tiver, eu...

— Não, é uma boa surpresa. Olhe. — Ela apontou para cima. — Bananas.

Um sorriso aliviado surgiu em seu rosto. — Isso é *muito* melhor do que uma aranha.

Com a ajuda de uma árvore caída, ele arrancou um ramo da fruta verde-amarela e, quando pulou, Caro percebeu que estava sorrindo para ele como uma simplória. Uma possibilidade chocante surgiu nela.

Querido Deus, estava *apaixonada* por ele?

Ela sempre o achara atraente, sempre gostara de suas brigas e ansiava por suas interações, mas essa satisfação calorosa e de bem-estar sempre que estava na presença dele era nova.

Ele era muito mais do que apenas seu título. Era um aristocrata que não tinha medo de sujar as mãos, um espécime lindo e sem afetação que, surpreendentemente, a apreciava e sua miríade de excentricidades.

Ele era, na verdade, tudo o que Caro queria em um homem: forte, divertido, protetor, engenhoso e inteligente.

Ah, ela estava com tantos problemas.

— Devemos pegar algumas das folhas também — disse ela, principalmente

para se distrair. — Podemos usá-las no telhado do abrigo. Serão muito melhores do que as folhas de palmeira.

Max obedientemente recolheu um braço cheio das folhas grandes e planas, e depois partiram.

Caro ficou em silêncio enquanto caminhavam de volta pela praia, e foi apenas o grito de Max que finalmente a tirara de seus devaneios.

— Ei, venha ver isso!

Ele estava na marca da maré alta, parado sobre um grande objeto esférico marrom. Era um pouco maior do que um coco, e Caro sorriu com sua expressão confusa.

— É o caroço de um coco-do-mar —, disse ela. — Vi um em Madagascar, no palácio do rei. Eles são extremamente raros.

Max inclinou a cabeça. — Parece como o...

— ... traseiro nu de uma mulher? — ela terminou com um sorriso. — Sim, é verdade.

Era verdade. As curvas gêmeas do caroço eram separadas por uma fenda central que fazia com que parecesse exatamente o traseiro de uma mulher curvilínea.

— Deveria ver o outro lado — disse ela.

— Não é a mesma coisa?

Ela negou com a cabeça.

Max largou as folhas de bananeira e girou o caroço, e apesar de saber o que esperar, Caro ainda sentiu um rubor nas bochechas. O outro lado parecia exatamente com sua própria barriga e coxas arredondadas, completando-se com a junção em forma de triângulo onde Max a tocara com um efeito tão devastador.

Evitando o olhar dele, ela adotou seus tons mais eruditos. — Por causa de sua... er...

— Forma erótica?

— *Aparência incomum*, acredita-se que o coco-do-mar tenha propriedades mitológicas e até mágicas.

Max grunhiu. — Posso ver por quê. É uma coisa e tanto.

— Diz a lenda que as árvores fazem amor apaixonadamente em noites de tempestade. Dizem que as árvores machos se desenraizam e se aproximam das árvores fêmeas e, por serem tão tímidas e reservadas, qualquer um que as veja acasalando morrerá ou ficará cego.

— Bem, isso é reconfortante. — Max disse. — Vamos esperar que isto tenha caído aqui de outro lugar. Mesmo assim, vou manter os olhos fechados, da próxima vez que houver uma tempestade. Não gostaria de presenciar um *voyeur* acidental.

Caro riu. A atitude relaxada de Max tornava impossível que se sentisse estranha com o que haviam feito juntos. Supôs que deveria estar se sentindo envergonhada por ter permitido a ele tais liberdades, mas não conseguia sentir um pingo de arrependimento.

Ele insistiu em levar o carço de volta ao acampamento, então Caro reuniu as folhas de bananeira e as usou para melhorar o telhado de seu abrigo. Quando o sol ficou mais quente, descansou na sombra, esperando que Max encontrasse uma desculpa para se juntar a ela, mas ele desapareceu no promontório, então Caro se divertiu tecendo folhas de palmeira para fazer um chapéu rudimentar.

Se ao menos pudesse ler os pensamentos de Max. Ele estava pensando nela? Se ele realmente acreditava ser um cavaleiro sem sorte, poderia estar se sentindo culpado por ceder à sedução dela?

Ou ela era apenas mais uma mulher em uma longa linha de conquistas?

Caro se lembraria da sensação de seu peito nu pressionando-a para baixo, as maliciosas carícias de seus dedos, enquanto vivesse, mas talvez os homens fossem diferentes. Ele poderia muito bem já ter descartado todo o incidente de sua mente. Afinal, ela não era sua primeira amante.

Seu coração deu um pequeno aperto de sofrimento.

O calor era tão drenante e opressivo quanto seus pensamentos. Estava deitada no abrigo e deveria ter cochilado, pois quando acordou o sol estava muito mais baixo no céu e não havia sinal de Max em nenhum lugar.

Um momento rápido de preocupação tomou conta dela. Ele estava fora há *horas*. E se tivesse sofrido um acidente?

Ele não estava na praia adjacente, então ela empilhou mais lenha na fogueira de sinalização e acenou sem entusiasmo para a outra ilha. Estava apenas debatendo se deveria continuar quando ouviu um assobio e olhou para cima vendo-o aparecer sobre o promontório no outro extremo da praia.

Seu coração disparou aliviado. Poderia ter desejado estar sozinha quando eles acordaram na praia, mas agora não podia imaginar não ter a companhia dele.

Por um momento irracional, se perguntou como seria se eles *nunca* fossem resgatados.

Poderia ser feliz, aqui, com ele?

Uma onda inesperada a atingiu nos pés e ela bufou suavemente com a sua própria idiotice. Essa situação não era permanente. Seriam resgatados, eventualmente, e a realidade se intrometeria como um balde de água fria no rosto. Max recuperaria a memória, e cada um seguiria seu caminho.

Se ela realmente não fosse considerada adequada para casar quando chegassem a Londres, permaneceria solteira, viajaria pelo mundo e ajudaria seus pais em seus esforços científicos. Max não a consideraria como sua potencial duquesa. Ela era muito pouco convencional, muito incomum. E ficar na Inglaterra para vê-lo se casar com outra pessoa seria dolorido.

— Pensei que tivesse sofrido algum acidente — ela o repreendeu quando Max chegou perto o suficiente para ouvir. — O que vou fazer se quebrar a perna ou for mordido por um tubarão?

Seus dentes brilharam em seu rosto bronzeado. — Espero que acabe com o meu sofrimento e termine comigo com o canivete.

Ela estremeceu com o senso de humor mórbido dele. — Não diga isso!

— Ah, então cuidaria de mim até que eu me recuperasse?

— Eu certamente *tentaria*.

Ele bufou. — Só porque está muito quente para cavar uma cova para mim. Ouvi o que disse na primeira manhã. Chamou-me de idiota insuportável.

Caro virou o rosto para esconder o rubor.

— Espero que sua opinião sobre mim tenha mudado? — ele pressionou.

Ela voltou para o acampamento, com ele mantendo o ritmo ao lado dela com facilidade, com o passo mais longo.

— Minimamente — ela admitiu.

Ela pegou o sorriso dele pelo canto do olho e sentiu um sorriso de resposta puxar seus próprios lábios.

— Bem, isso é um alívio. Não terei medo de afiar a faca.

— Talvez possa usá-la para se barbear?

Ele passou os dedos sobre a bochecha e o queixo. — Não gosta da minha barba assim?

Caro apertou as mãos contra o desejo de acariciar sua bochecha. — Está parecendo um pirata.

Seu sorriso se alargou. — Isso não é uma resposta.

Ela ergueu o nariz no ar e ignorou a provocação dele. A opinião do homem sobre si mesmo já era alta o suficiente. Não havia necessidade de admitir que o achava devastadoramente atraente.

Para se refrescar, ela entrou na água rasa, levantando as saias acima dos joelhos. Max começou a escalar as rochas. Caro não tinha ido muito longe quando algo roçou sua panturrilha e uma sensação de picada formigou em sua pele.

Ela olhou para baixo e viu a cúpula clara e os tentáculos suavemente ondulantes de uma água-viva, balançando nas ondas.

Capítulo 16



—Ai! Água-viva!

Caro saiu da água e se abaixou para inspecionar sua perna. A sensação de queimação havia aumentado para dor e, mesmo enquanto observava, uma série de listras vermelhas finas como queimaduras de corda apareceram em sua pele.

Max correu para o seu lado e jogou o braço em volta do ombro dela, apoiando-a enquanto ela afundava na areia. — Fique quieta.

— Isso realmente dói! — Caro mordeu o lábio enquanto uma onda de tortura a ameaçava.

— Está branca como um lençol. Maldição.

— Estou me sentindo um pouco...

— Espere. — Ele a pegou no colo e a ergueu. Caro colocou os braços em volta de seu pescoço e se segurou, rezando para que não desmaiasse.

Sua perna doía muito, ela pressionou o rosto no peito dele respirando fundo. O maravilhoso cheiro almiscarado de Max encheu seu nariz, e o seu coração que batia rápido demais desacelerou um pouco.

De volta ao acampamento, ele a depositou suavemente nas folhas de palmeira que ela espalhara em frente ao abrigo, depois correu para encher uma das cascas de coco com água fresca.

— Aqui, beba isso.

Ela lhe enviou um sorriso fraco de agradecimento.

Uma marca de inflamação pálida, como um colar de contas, aparecia agora dentro das lesões vermelhas em sua perna. Max estremeceu quando as viu, parecia tão preocupado que Caro sentiu a necessidade bizarra de tranquilizá-lo.

— Não é tão ruim assim — disse ela. — Parece que fui picada por uma centena de urtigas.

Ele passou a mão pelos cabelos. — Deus, se isso fosse um ferimento de mosquito, eu saberia o que fazer, mas nunca tratei queimadura de água-viva antes. Alguma ideia?

Caro tomou outro gole de água e esticou a perna. — Papai foi queimado uma vez, na Espanha. Acho que derramaram vinagre na queimadura. — Ela franziu a testa. — Ou talvez fosse vinho. Tinha apenas dez anos, não me lembro bem.

— Bom, não temos nenhum dos dois — Max rosnou. — Maldição.

— Acho que me lembro que também tentaram água quente.

— Agora isso eu posso arranjar. Deite-se.

Caro recostou-se fracamente e observou Max encher outra casca de coco e aninhá-la entre as brasas que ardiam.

— Espere, garota corajosa. Vai demorar um pouco para esquentar. — Ele se inclinou para afastar o cabelo da testa dela. Caro fechou os olhos e tentou se concentrar em qualquer coisa, exceto na dor ardente em sua perna.

Ela ouviu Max se movendo e depois sentiu o toque gentil da mão dele em seu braço.

— Caro, querida. A água está pronta.

O carinho inesperado de Max a fez abrir os olhos. Caro o encontrou inclinado sobre ela, o azul incomum de seus olhos estava inesperadamente perto demais.

Ele enviou-lhe outro de seus sorrisos surpreendentes e seus dedos acariciaram a sua bochecha. — Vamos, soldado, sente-se.

Ele dobrou a gravata em uma compressa improvisada, e ela reprimiu um xingamento inapropriado quando a mergulhou na água morna e a pressionou sobre a queimadura. Eventualmente, no entanto, a dor diminuiu e ela lhe enviou um sorriso aliviado.

— Está funcionando. Não está tão ruim agora.

Ele soltou um bufo audível. — Graças a Deus. Está muito quente para cavar uma sepultura.

Caro riu.

— Acredito que irá doer por um tempo — continuou ele. — Ainda assim, pode considerar isso como apenas mais uma lesão exótica para adicionar à sua lista. Foi pior do que ser mordida por uma tarântula?

— Definitivamente.

Ele balançou a cabeça. — É uma mulher notável, Caroline Montgomery. Já vi soldados com uma lasca de madeira minúscula fazerem mais barulho do que você. Juro, alguns deles choraram e chamaram suas mães quando encostávamos um dedo nisso.

As bochechas de Caro aqueceram com seu elogio.

Ele se levantou. — Agora, fique aqui parada enquanto vou buscar um jantar para nós.

Fiel à sua palavra, ele conseguiu perseguir dois peixes azuis prateados em sua piscina de pedras e, quando o sol começou a se pôr, o delicioso cheiro de peixe grelhado fez o estômago de Caro roncar em antecipação.

O latejar em sua perna havia diminuído quase completamente, então mancou até a “mesa” e cortou as mangas e as bananas. Eles comeram o peixe sobre as folhas de bananeira, e Caro decidiu que nunca havia provado nada tão bom em sua vida.

— Bem, que dia.

Max recostou-se em uma das palmeiras com um joelho dobrado, tão relaxado quanto Caro jamais o vira. Ela tentou se lembrar dele na Inglaterra, perfeitamente vestido e rigidamente educado em algum salão de baile da sociedade, e falhou.

— Este é certamente o dia de Natal mais estranho que já passei. — Ela concordou.

Uma rajada de vento abanou o fogo e bagunçou seus cabelos, e ela suspirou, grata pela brisa, mas Max franziu a testa para o horizonte.

— Não gosto da aparência daquelas nuvens. Estamos prestes a enfrentar outra tempestade.

Ela seguiu a direção do olhar dele. Estava quase escuro, mas podia ver um banco de nuvens roxas vindo em direção a eles. Como se para confirmar sua teoria, um raio cortante atravessou a parte inferior da massa escura, iluminando o céu brevemente.

— Um. Dois. — Caro começou a contar em voz alta para estimar a que distância a tempestade estava. Seu pai sempre lhe ensinara que um segundo equivalia a um metro, se alguém contasse desde o relâmpago até o som correspondente do trovão.

— Onze. Doze... — Um estrondo sinistro ecoou pelo mar, como se um cervejeiro estivesse rolando barris pesados de cerveja em um piso de laje acima deles.

Max se levantou, cheio de um novo propósito. — Vou proteger o telhado do abrigo. Se o vento soprar, não queremos que ele voe. Ou caia sobre nós.

— Seria melhor ir para dentro da floresta? E se as ondas nos alcançarem?

— Acho que ficaremos seguros aqui. Afinal, estamos acima da linha de maré mais alta. E o recife deve nos proteger da pior das ondas. Prefiro ficar aqui onde é mais aberto do que correr o risco de ser atingido na cabeça por um galho ou um coco.

A luz estava desaparecendo rapidamente, e Max correu para coletar mais tiras de videira para proteger o telhado. Caro juntou lenha extra e a empilhou sob as folhas de palmeira para se mantivesse seca, depois transformou o fogo em uma chama impressionante.

Ela se perguntou se as pessoas na outra ilha seriam capazes de ver o brilho dela sobre o promontório e rezou para que também estivessem se mantendo seguros da tempestade que se aproximava.

Os relâmpagos eram quase constantes agora, e estavam definitivamente mais próximos. O trovão reverberou em seu peito, mas quando as primeiras gotas de chuva respingaram no fogo, estavam o mais bem preparados possível.

Caro se abaixou sob as folhas e gritou para Max por sobre o vento crescente.

— Entre. Ficará encharcado!

Ele atendeu ao comando dela, e Caro se arrastou para o lado para lhe dar espaço. A frente aberta do abrigo era alta o suficiente para que conseguissem ficar sentados, e ela dobrou os joelhos até o peito quando a chuva começou a cair mais forte.

Ao lado dela, Max cruzou as pernas, à moda de alfaiate, e os dois observaram enquanto o fogo se movimentava e chiava em protesto e as brasas vermelhas brilhantes giravam ao vento. A superfície da lagoa dançava com a chuva torrencial.

— Acha que o fogo vai resistir à tempestade? — Ela teve que se aproximar de Max para ser ouvida acima do barulho constante da chuva.

— Espero que sim. — Ele respondeu, os lábios perto do ouvido dela. — Mas não contaria com isso.

Um relâmpago dividiu o céu bem acima deles, seguido por um estalo estridente de trovão, e Caro soltou um grito instintivo que se transformou em uma gargalhada por sua própria tolice.

— Eu sempre amei tempestades — ela gritou. — Elas me fazem sentir engraçada... meio excitada, animada e nervosa ao mesmo tempo. Posso sentir bem aqui. — Caro pressionou a palma da mão contra o peito.

A diversão na resposta de Max foi claramente iluminada pela cintilante luz vermelha do fogo. — Eu também. O poder da natureza é incrível, não acha?

O olhar risonho dele caiu para a mão dela que ainda estava pressionada entre os seios, e o pulso de Caro saltou ante a súbita consciência de sua proximidade. O ombro dele estava a poucos centímetros do dela, o joelho de Max pressionando sua perna, e a cortina de chuva parecia envolvê-los em seu próprio mundo privado.

— Apenas pense — seus lábios se arquearam em um sorriso perverso. — Em algum lugar, lá fora, longe de olhos curiosos, as árvores de coco-do-mar estão se desenraizando e fazendo amor enlouquecida e apaixonadamente.

Seus olhos se voltaram para os dela e se mantiveram lá, e o coração de Caro deu outro sobressalto. Rápido como um raio, seu corpo ficou quente de desejo, formigando de antecipação.

Ela lambeu os lábios secos de repente. — Não posso dizer que os culpo. Quero dizer, o que mais há para fazer em um clima como este?

O olhar dele se aguçou o que fez o estômago dela apertar de excitação.

— Nada — ele murmurou. — Realmente não há mais nada a fazer.

— Exceto dormir — disse ela, perversamente determinada a provocá-lo. — Podemos sempre tentar dormir.

Suas sobrancelhas escuras se ergueram. — *Quer* dormir, Caro?

Capítulo 17



Caro mal conseguia respirar. Sabia o que ele estava perguntando, o que ela desejava. Se fosse uma boa garota, bem obediente, uma que segue as regras, diria a ele que sim, que queria dormir.

Mas a sua essência selvagem, aflorada pela tempestade, despertara um desejo instintivo dentro dela. Algo profundo, ansioso e primitivo. Queria os braços fortes dele ao seu redor, o corpo grande de Max no dela. Queria a mesma paixão e intensidade que o relâmpago, o trovão, a chuva.

Ela poderia não ter esse homem para sempre. Mas o tinha aqui, agora. A vida era precária, na melhor das hipóteses. Poderia ter se afogado na noite da tempestade. E se tivesse pisado em um peixe-leão mortal hoje, em vez de uma água-viva relativamente inofensiva? Já estaria morta. Seria uma tola se não aproveitasse a chance.

Tomada a decisão, ergueu a mão e passou os dedos pelos lábios dele, depois os arrastou ao longo de sua mandíbula áspera. Seus olhos brilharam e ele abriu a boca para dizer algo, mas ela não o deixou falar.

— Não, Max. Não quero dormir.

Caro prendeu a respiração. O batimento incessante da chuva combinava com o ruído de seu próprio pulso em seus ouvidos.

Por um instante, Max se sentou congelado, e ela se perguntou se a recusaria, mas então sua mão disparou para segurar sua nuca e a puxou para um beijo tão intenso quanto a tempestade lá fora.

Os lábios dele tocavam os dela incessantemente, aumentando o desejo de Caro a um tom febril, e uma dor forte e latejante pulsava entre suas coxas. Ela se pressionou contra ele, acariciando seus cabelos e seus ombros.

— Por favor, faça amor comigo.

Ele se afastou, apenas uma fração. — Caro. Tem certeza?

Ela assentiu, então percebeu que ele provavelmente não podia vê-la, o fogo estava quase completamente apagado, vencido pelo dilúvio implacável.

— Sim — disse ela. — Tenho certeza.

— Posso garantir com que não engravide — disse ele rudemente. Sua voz baixa, como se falar fosse um esforço. — Posso me retirar, antes que termine.

Caro segurou a mandíbula dele. — Confio em você. Sim. Por favor.

Max gemeu, e então seus lábios reivindicaram os dela, fundindo-os em um ser. Caro se inclinou para ele, mas quando tentou tomá-la nos braços, seu ombro bateu na moldura de madeira e todo o abrigo tremeu de forma alarmante.

— Maldição, gostaria que estivéssemos em uma cama — ele rosnou.

Caro sorriu na escuridão. — Devemos nos deitar?

— É uma excelente ideia.

Ele se afastou e ela se esticou, sufocando uma risada ao som de seus movimentos frenéticos enquanto tentava tirar a camisa e as calças no espaço fechado. Vários palavrões abafados ecoaram de seu lado enquanto puxava seu próprio vestido sobre a cabeça, mas sua diversão sumiu quando ele rolou de volta para ela e encontrou sua boca novamente.

Ele a cobriu pela metade com seu corpo e seu incrível calor se infiltrou no algodão de sua chemise. A palma da mão dele deslizou pela parte externa de sua coxa, áspera e urgente contra sua pele, e ela se contorceu contra o corpo de Max, desesperada por mais.

Ele obedeceu. Os sentidos de Caro flutuaram enquanto sua perna ressequida deslizava entre as dela. Caro gemeu em sua boca. E quando a mão dele se moveu para seu seio, apertando e acariciando, gritou de prazer.

Relâmpagos crepitaram no alto, iluminando brevemente seu peito e braços enquanto ele se segurava sobre ela, então foram mergulhados na escuridão mais uma vez. Sua respiração estava quente quando ele beijou a lateral de seu pescoço, intercalando suas carícias com termos murmurados de encorajamento.

— Deus, Caro, sim. Isso mesmo. Toque-me.

Ela passou os dedos pelos cabelos dele, depois explorou um pouco mais, traçando as curvas de seus ombros, os músculos que sustentavam suas costas. Além da vergonha, cravou as unhas nas nádegas curvas dele e recebeu outro gemido de encorajamento contra o peito, enquanto ele mordia o mamilo duro através do tecido.

Ondas arrebatavam na costa, mas Caro mal podia ouvi-las com o bater de seu próprio coração. Max estava em toda parte, ao redor dela, seu gosto, seu cheiro, seu calor.

Ele se moveu completamente sobre ela, apoiando-se com os cotovelos dobrados em ambos os lados de sua cabeça. Sua barriga lisa pressionava a dela e o membro endurecido de sua masculinidade encaixava-se no espaço entre suas pernas abertas.

Caro ficou tensa quando Max deslizou a mão entre eles e a tocou, como havia feito na cachoeira. Sua respiração vinha em ofegos excitados, mas ela se arqueou sem dizer uma palavra, implorando silenciosamente por mais daquele prazer glorioso que lhe mostrara antes.

Ele não decepcionou. Seus dedos perversos giraram e provocaram, levando-a mais alto antes de deixá-la cruelmente insatisfeita. Mas seu gemido queixoso terminou em seus lábios quando ele se abaixou e posicionou a cabeça de seu membro em sua entrada escorregadia.

Ambos paralisaram.

— Tem certeza? — ele respirou contra os lábios dela. — Última chance para dizer não.

Ela levantou a cabeça e pressionou sua boca na dele. — Faça logo, Cavendish, ou vou esfaqueá-lo com essa sua faca estúpida.

Sua risada se transformou em um rosnado baixo de prazer quando ele

pressionou os quadris para frente e lentamente, com cuidado entrou nela.

Caro arregalou os olhos na escuridão, absorvendo essa nova sensação surpreendente com admiração. Ele saiu um pouco de seu interior, então deslizou de volta, ainda mais fundo desta vez, e um brilho de deleite poderoso correu ao longo de seus membros.

— É isso — ele sussurrou contra a têmpora dela. — Deixe-me entrar. Deixe-me amá-la, Caro.

Max pressionou ainda mais, esticando-a, mas o corpo dela cedeu à sua invasão. Ele se mexeu para frente e para trás em um ritmo enlouquecedor que a fez perder o fôlego e arquear-se, esforçando-se para obter mais do delicioso atrito.

Ela agarrou o cabelo dele, incitando-o, enquanto a tensão aumentava em seus músculos, clamando por liberação. Seus movimentos esfregaram um ponto muito sensível que foi construindo pouco a pouco o seu prazer, até que, de repente, com um grito de euforia, todo o seu corpo se desfez.

Relâmpagos brilharam atrás de suas pálpebras fechadas enquanto o prazer pulsava em seu corpo. Max não estava muito atrás. Com um gemido que parecia arrastado do centro de seu peito, ele estocou mais uma vez dentro dela e depois se retirou de seu corpo. Max se pressionou, com todo o peso, sobre ela e Caro sentiu a maré quente de sua liberação contra seu estômago.

Por um breve momento, ficaram completamente parados, os corações martelando em conjunto. Então Max rolou para fora dela com um som que era meio gemido, meio riso exausto.

— Querido Deus, sabia que seria a minha morte, Montgomery.

Caro se esforçou para recuperar o fôlego. Todo o seu corpo estava brilhando, repleto de uma letargia maravilhosa.

— Bem, se serve de consolo, também me matou — ela conseguiu falar debilmente.

Ele limpou os dois com sua gravata, depois voltou para ela. Silenciosamente, a rolou de modo que ela estivesse de costas para ele, depois jogou o braço sobre sua cintura e a puxou para trás, aninhando seu traseiro na curva de sua virilha, cercando-a com seu corpo.

Caro não tinha objeções. Seus esforços trouxeram um brilho de suor à sua pele, mas agora estava se refrescando. Uma rajada de vento atingiu o abrigo e ela estremeceu involuntariamente.

— Está com frio? — A voz de Max ficou abafada quando pressionou a boca no pescoço dela.

— Um pouco.

O braço dele se apertou, puxando-a para mais perto do abrigo de seu corpo, e ela soltou um pequeno suspiro de contentamento.

— Não se preocupe. Vou mantê-la aquecida.

Capítulo 18



Caro acordou de madrugada, ainda nos braços de Max. Devia ter se virado à noite, porque agora o topo de sua cabeça estava enfiado sob o queixo dele e sua mão achatada descansava em seu peito glorioso. O braço esquerdo de Max foi jogado sobre sua cintura, e o coração dele batia, firme e forte, sob a palma da sua mão.

— Ah, finalmente acordou.

A voz de Max, rouca e gravemente adormecida, retumbou acima dela, e Caro se afastou para olhar para o rosto dele.

Apesar de sua resolução de ser madura e sofisticada, a sensação de seu corpo pressionado tão intimamente ao dela fez calor subir às suas bochechas.

A tempestade havia passado. O sol nascente aquecia os ângulos de suas bochechas e dourava a linha reta de seu nariz, e o coração de Caro apertou-se dentro de seu peito com a visão.

Ah, iria sentir falta dele.

Tentou memorizar cada detalhe, gravá-lo em sua retina para que, quando voltasse à velha Inglaterra fria e chuvosa, pudesse se lembrar do céu puro de ser abraçada assim, de estar aconchegada em seus braços.

— Ainda decidindo se vai me esfaquear? — Os olhos azuis de Max brilharam para ela. — Porque me lembro claramente de ter me ameaçado com tal coisa na noite passada.

— Só se não fizesse amor comigo.

— O que eu fiz. — Ele estreitou os olhos para ela. — Não foi satisfatório?

— Ah, foi muito satisfatório. Como bem sabe, seu canalha.

— Fico feliz em ouvir isso. Não gostaria que a mulher com quem pretendo me casar estivesse insatisfeita com meu desempenho.

Caro paralisou e olhou para ele em choque. — Espere. Casar-se? O quê?

Max alisou um fio de cabelo de sua bochecha e olhou profundamente em seus olhos. — Gostaria de me casar com você, Caroline Montgomery. Se me aceitar, é claro.

Seu coração começou a bater forte. — Não está falando sério, não sabe o que está dizendo. Nem sabe quem é. Quero dizer...

— Não quer se casar com um cavaliço?

— Não é isso. É só que... não precisa se casar comigo só porque nós... sabe...

Caro acenou com a mão vagamente entre eles, terrivelmente ciente de que estava balbuciando.

Ah, este era o melhor e o pior dia de sua vida. Nunca imaginara que receberia uma proposta de casamento de Max, e embora não houvesse nada que quisesse mais do que ser sua esposa, como poderia dizer sim, quando ele

não tinha ideia de quem era?

Aceitar seria prendê-lo da pior maneira possível. Como cavalheiro, seria honrado demais para retirar sua oferta, assim que descobrisse que era um duque. Ele se arrependeria e se ressentiria dela no processo.

— Por que eu a deflorei? — ele forneceu. — Fiz amor?

— Porque estou arruinada — ela conseguiu dizer. — Não há necessidade. Honestamente, não me importo com o que as pessoas dirão em Londres. Por favor, não sinta que tem que me pedir em casamento apenas para salvar minha reputação.

A risada de Max interrompeu seus protestos. Ele deu um beijo na testa dela e se afastou, balançando a cabeça.

— Oh, Caro. Não é por isso que quero que se case comigo. Eu a amo. Eu a quero ao meu lado. Para sempre.

— Não é um cavalariço. — Ela deixou escapar desesperadamente. — Eu menti. Também não está sem um tostão. Seu tio lhe deixou uma casa enorme e uma pilha imensa de dinheiro e é...

— O Duque de Hayworth? — Ele sorriu para ela, seus olhos azuis brilhando diabolicamente.

Caro tinha certeza de que seu coração realmente parara. — Se lembra? — ela falou em tom áspero.

— Nunca esqueci.

Ela fez uma careta de horror, depois o golpeou no peito com o punho fechado.

— Sabe que é um duque?

— Claro.

— Há quanto tempo sabe?

Ele *riu*, a besta.

— Desde cerca de cinco minutos depois que abri os olhos na praia no primeiro dia.

— Ohhh, seu monstro...

— Um cavalariço? — ele repreendeu. — De verdade? Foi o melhor que pôde fazer? Por que não me fez um limpador de chaminés ou um funileiro? Ou um daqueles catadores de lixo que vagam ao longo do Tâmis quando a maré está baixa?

— Acho que posso esfaqueá-lo, afinal. — Ela rosnou.

Ele agarrou seus pulsos e a conteve com o mais leve dos apertos.

— Eu a amo. — Ele repetiu suavemente. — De todas as pessoas no mundo com quem eu poderia ter desejado naufragar, sempre e para sempre a escolheria.

Caro mal conseguia pensar. A felicidade estava apertando seu peito, mas estava com medo de acreditar que isso era real, e não um sonho cruel.

— Mas eu o amo — disse ela, quase acusando. — Acho que sempre amei.

Ele soltou seus pulsos e deslizou os dedos entre os dela para que as mãos ficassem entrelaçadas.

— Isso é um sim? Será minha duquesa? Basta pensar, se conseguimos nos dar bem em condições difíceis como essa, não teremos problemas em morar juntos na minha casa em Londres ou em Gatcombe Park.

Ele deu-lhe um olhar faminto e aquecido que fez seu pulso acelerar. — Quero fazer amor com você em uma banheira cheia de pétalas de rosas, em uma enorme cama de penas macias empilhadas com almofadas...

Caro gemeu. — Ohh, sua besta. Não me tente. E se nunca formos resgatados?

— Então ficarei perfeitamente feliz fazendo amor aqui mesmo, nesta cabana horrível e desconfortável, pelo resto dos meus dias. Seremos o duque e a duquesa de Deus-Sabe-Onde. — As mãos de Max seguraram suas bochechas enquanto inclinava o rosto dela para o seu. — Diga sim, Caro.

O sol explodiu no horizonte, inundando os dois com luz, e Caro pressionou os lábios nos dele. — Nesse caso, Maximillian Cavendish, sim. Vou me casar com você.

Capítulo 19



No trigésimo primeiro dia de dezembro, véspera de Ano Novo, Caro ergueu os olhos do chá de flores de hibisco e viu uma grande nuvem de fumaça subindo pelo promontório.

— Max! O sinal de fogo da outra ilha!

Max, que estava cochilando no abrigo depois de uma noite de amor que fez Caro corar ao se lembrar... *quem poderia imaginar que um homem saberia fazer coisas tão perversas e requintadas com a língua, pelo amor de Deus?*... se levantou.

— Depressa!

Ele pegou uma madeira do fogo e, juntos, correram ao longo da praia e escalaram as rochas.

Com certeza, um fogo ardia na praia oposta, e Caro deu um grito de pura alegria ao avistar um navio com velas brancas vindo em direção ao estreito.

— Estamos salvos!

Max a pegou em um abraço impulsivo, depois pulou e colocou a tocha brilhante no pavio sob o próprio fogo de sinalização. Como estavam diligentemente mantendo-o pronto, acendeu quase imediatamente, e Caro empilhou punhados de folhas úmidas sobre ele para fazer fumaça.

Quando o navio se aproximou, puderam ver os tripulantes se movendo no convés, e Max apertou os olhos para distinguir a bandeira que tremulava do cordame.

— É um navio da Marinha Real — ele sorriu. — Eu me pergunto como nos encontraram.

— Quem se importa! — Caro riu, tonta de alívio. — Vamos voltar para banhos quentes, camas macias e comida que não seja manga. Nunca mais quero comer outra manga.

Max beijou o topo da cabeça dela. — Muito bem. Se esse é o seu desejo. — Ele sorriu para ela. — Gostaria de se casar na St. George's, em Hanover Square?

Caro torceu o nariz. — Não me importo, onde quiser.

— Porque estava pensando...

— O quê?

— E se apresentarmos a todos um fato consumado e nos casarmos antes de voltarmos para Londres? O capitão do navio pode nos casar. Poderíamos fazer isso aqui, antes de zarparmos.

Caro subiu na ponta dos pés e deu um beijo em sua bochecha. — Ah, sim, adoro essa ideia! Minhas roupas ainda devem estar no Ártemis. Podemos nos casar no convés, na frente da minha família.

— Terei que pedir formalmente permissão ao seu pai para cortejá-la.

Caro bufou. — É um pouco tarde para isso. Além disso, sempre gostaram de você. Não imagino que ficarão desapontados por se juntar à família. Afinal, não é um *Davies*.



Caroline Montgomery e Maximillian Cavendish, Sua Graça, o décimo quarto Duque de Hayworth, se casaram ao pôr do sol no convés do HMS Carron. A família imediata da noiva estava presente. A noiva carregava um buquê de flores tropicais.

Enquanto o céu se transformava em uma extravagante variedade de rosa e vermelho, Max se juntou a Caro na amurada do navio e ambos olharam de volta para a pequena ilha que havia sido sua casa nos últimos agitados dez dias.

Caro encostou a cabeça no ombro do marido. — Isso pode parecer estranho, mas vou sentir falta deste lugar. Apesar de todas as dificuldades, tivemos alguns momentos verdadeiramente memoráveis. Estou feliz por termos ficado presos. Juntos. Sozinhos.

Max colocou o braço em volta de sua cintura e a puxou para mais perto dele. — Eu também.

— Não acredito que insistiu em trazer o coco-do-mar para casa, no entanto.

— E por que não? Podemos ser o único casal na Inglaterra a ter um. E como eu poderia deixar isso para trás? Tenho boas lembranças ligadas a ele.

— Assim como as tempestades — acrescentou ela, corando.

Ele riu. — Haverá muitas dessas na Inglaterra também.

Caro balançou a cabeça. — Podemos ter perdido o Natal, mas estaremos em casa a tempo de as gêmeas fazerem sua estreia na sociedade. Eu me pergunto o que vão fazer com a *ton*.

Max deu um aperto amoroso nela. — A verdadeira questão é: o que a *ton* fará com as gêmeas? Elas vão causar o caos, eu garanto.

— Pelo menos elas terão uma irmã mais velha que é duquesa.

— Uma duquesa escandalosa. — Max a virou em seus braços. — Uma duquesa da ilha deserta.

Caro olhou por cima do ombro e ficou aliviada ao descobrir que os tripulantes haviam encontrado discretamente coisas envolventes para fazer em outro lugar. Ela ergueu o rosto para um beijo.

— Bem, se eu sou uma duquesa da ilha deserta, então isso faz com que você seja o meu duque da ilha deserta. — Ela sorriu. — Espero que esta não seja nossa última aventura juntos, Vossa Graça.

Max a beijou profundamente. — Não vai ser. Tenho a sensação de que nossas aventuras estão apenas começando, meu amor.

Mais da Autora



Série Espiões e Segredos



9786580754441

Um mestre espião e uma bela ladra encontram o amor e a intriga nos braços um do outro...

Forçada a fazer a vontade de um ministro corrupto do governo, Marianne de Bonnard concorda em plantar provas incriminatórias nos escritórios do mais notório espião da França. Sob a capa da noite, a ladra que caminha na corda bamba faz bom uso de suas habilidades - até que sua acrobacia aérea é frustrada quando seu alvo aparece na janela e, com uma postura inabalável, ajuda Marianne a sair do arame e entrar em seu covil. Os tremores que atravessam seu corpo não são apenas de medo; há um frisson indesejável de desejo também. Mas será por causa de seu anfitrião elegante, maliciosamente bonito... ou por sua proposta?

Nicolas Valette tem planos para sua graciosa invasora desde que testemunhou suas habilidades únicas no Cirque Olympique. Sinuosa como uma gata, Marianne é perfeita para sua próxima missão, mas ela recusa sua generosa oferta por medo de desobedecer ao atormentador de sua família. Quando seus inimigos mútuos leiloam sua virgindade ao maior lance, Nicolas pula na chance de comprar sua cooperação. Mantê-la será como tentar domesticar um animal selvagem, mas o que é a vida sem um pouco de risco? Além disso, Nicolas e Marianne querem a mesma coisa: vingança - e, talvez, algo mais que seja igualmente delicioso.



9786580754731

Quando uma estudiosa decifradora de códigos e um espião ardente se reúnem neste romance histórico escaldante da autora de Para Roubar um Coração, suas vidas dependem de sua capacidade de resistir à tentação. Mas o destino é um amante que não pode ser negado...

Inglaterra, 1815.

Na guerra contra a França, Heloise Hampden é um bem de alto valor para a Coroa. Quando ela rompe a mais recente comunicação do inimigo, agentes franceses são enviados para silenciá-la. Mas é o agente designado para proteger Heloise que representa a maior ameaça ao seu coração: William de l'Isle, Visconde Ravenwood. Heloise vem brigando com o homem que chamam de Raven desde a infância, mas sempre mantendo uma distância casta. Ela tem certeza de que isso não mudará, graças à cicatriz que desfigura seu rosto.

Nada mudou. Raven ainda se pergunta como o corpo delgado da megera Hampden se sentiria pressionado contra o dele, mas, para a missão, terá que se lembrar de que a mulher tem mais prazer em línguas antigas do que em sedução.

Sua prisão há seis anos o quebrou de uma forma que torna impossível a perspectiva do amor - é um Hades sombrio que está ansioso por uma Persefone beijada pelo sol. Ainda assim, seu coração bate como louco sempre que está a dez passos de Heloise, e fará o que for preciso para mantê-la a salvo - mesmo que isso signifique levá-la para a Espanha como uma refém relutante.

Protegê-la do perigo será um desafio; protegê-la do seu desejo será pura agonia.

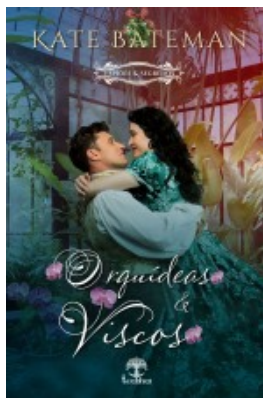


9786554440103

Uma falsificadora mal-humorada e um agente britânico arrogante se chocam neste romance escaldante de K. C. Bateman, cujos romances históricos espirituosos, inteligentes e sensuais se tornaram sua assinatura.

Enquanto Sabine de la Tour atira pilhas de notas falsificadas em uma fogueira em um parque parisiense, despede-se relutantemente de sua vida dupla como uma criminosa notória. Ao longo do reinado de Napoleão, suas falsificações desestabilizaram o continente e transformaram os canalhas em homens ricos, mas agora ela e seu parceiro de negócios precisavam fugir da França - ou enfrentar a guilhotina. Sua única esperança de sobreviver na Inglaterra era fazer um acordo com o próprio espião que havia superado em sua carreira. Agora, depois de encontrar o agente arrogante em carne e osso, Sabine anseia atirar-se à sua misericórdia - e aos seus braços.

Richard Hampden, Visconde Lovell, está preparado para assumir qualquer risco para salvaguardar a Inglaterra dos horrores da Revolução Francesa. Para atrair os insurgentes das sombras, até está disposto a fazer um pacto com seu archi-inimigo: Philippe Lacorte, o maior falsificador da Europa. Mas, quando uma beleza atrevida e esbelta prova ser Lacorte, Richard fica chocado - e mais do que um pouco excitado. Ao contrário das debutantes que tantas vezes se atiravam nele, esta sirigaita astuta oferece um desafio único e irresistível. Richard vai ajudá-la. Mas em troca, quer algo que nem mesmo Sabine pode falsificar.



9786554440318

O ex-espião Christopher ‘Kit’ Carlisle mal deixou sua propriedade rural desde sua fuga do cativeiro durante a guerra, mas uma promessa no leito de morte o forçou a ir a Londres em busca da bela - e frustrantemente esquiva - Emma Townsend.

A botânica Emma voltou do Brasil, determinada a manter suas preciosas orquídeas vivas tempo suficiente para apresentá-las à Royal Society. Para isso, precisa de uma estufa e da ajuda do único homem que sempre fez seu coração bater mais rápido: O lindo e chocante Kit.

Quando Kit concorda, relutantemente, em permitir que Emma e suas plantas passem o Natal com ele em sua propriedade rural, a atração que fervilha entre eles é difícil de negar. Na companhia de Emma, o Kit mal-humorado redescobre a alegria de estar vivo, enquanto Emma não consegue resistir ao impulso de fazer Kit sorrir novamente - ou de roubar suas roupas enquanto ele toma banho...

NB: Esta doce adição à série Espiões & Segredos apresenta o tema “irmã do melhor amigo”, com toques de a Bela e a Fera..

Para Pagar o Diabo



Finalista do Prêmio Rita

Um mercenário implacável, hábil na arte da conquista. Uma herdeira que se recusa a ser domada. A própria barganha do Diabo...

Na Itália de 1492, Cara di Montessori, uma herdeira determinada, busca vingança contra seu tio traidor que assassinou seu pai e tomou sua casa. Para recuperar seu direito de nascimento e garantir sua sobrevivência, ela se alia a seu inimigo de infância, o mercenário conhecido como Il Diavolo.

Alessandro del Sarto, apelidado de Il Diavolo, é um homem endurecido pela batalha e desiludido com o mundo, que busca um casamento político conveniente. No entanto, Cara, a mulher obstinada e irresistível, sempre foi seu ponto fraco. Quando Cara pede sua ajuda, eles fazem um acordo: ela deve entreter os convidados de Alessandro, aliviar seu tédio e aquecer sua cama em troca de sua assistência.

Embora Cara esteja determinada a resistir à sedução do Sarto, a paixão que arde entre eles é explosiva. Envolvida em perigos e intrigas, ela se vê diante de uma escolha entre seu destino preestabelecido e o desejo do seu coração, que pode ser o maior prêmio que ela já teve.

A Promessa de um Beijo



9786554442435

Egito, 1815.

Um herói relutante.

Quando o aventureiro Harry Tremayne, sem dinheiro, aceita cinco mil libras para localizar Lady Hester Morden no Egito, ele sabe que terá uma jornada difícil. A obstinada cartógrafa tem sido uma fonte de irritação - e de atração proibida - há anos.

Uma donzela em perigo?

Lady Hester não precisa ser resgatada. Ela está ocupada demais desfrutando de sua liberdade para voltar aos confins abafados de Londres. Além disso, o belo canalha Harry Tremayne é o último homem que ela quer ver; ainda é atormentada pela lembrança de seu único e inesquecível beijo.

Uma maldição mortal.

Quando Hester descobre um colar na areia - que pode ou não ser amaldiçoado por uma antiga deusa egípcia - os dois são lançados em uma aventura que os leva do calor sedutor do deserto aos perigos da França napoleônica. Será que conseguirão ignorar sua inconveniente atração por tempo suficiente para salvar o mundo? A resposta pode estar na promessa de um único beijo...

Kate Bateman



Kate Bateman / K.C. Bateman, é a autora best-seller número 1 de romances históricos da Regência e Renascença, incluindo a série Segredos & Espiões e a série Bow Street Bachelors. Seus livros receberam várias resenhas e estrelas do Publishers Weekly e Library Journal, e apresentam heroínas inteligentes e combativas (duronas em corpetes!), brincalhonas maliciosamente inapropriadas, e heróis que queremos estrangular e beijar. Sua brincadeira renascentista O Diabo para Pagar foi indicado ao RITA em 2019.

Quando não escreve, Kate leva uma vida dupla como avaliadora de belas artes e especialista em antiguidades na tela de vários programas de TV no Reino Unido. Ela vive atualmente em Illinois, EUA, com seu marido, amante de números, e três filhos incansáveis, e volta regularmente para sua Inglaterra natal “para pesquisa”. Kate adora ouvir os leitores. Entre em contato com ela através de seu website: www.kcbateman.com e inscreva-se para receber regularmente atualizações sobre novos lançamentos, brindes e trechos exclusivos.

Informações Leabhar



Nos acompanhe e fique por dentro das Novidades



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o E-mail
[Leabhar Books®](#)